

CINTHIA FREIRE

NOSSE

UM CONTO DA
SÉRIE ~ SEGREDOS





CINTHIA FREIRE

NOSSO

UM CONTO DA
SÉRIE ≈ SEGREDOS



CINTHIA FREIRE

NOSSE

UM CONTO DA

SÉRIE ≈ SEGREDO S

Copyright © 2018 Cinthia Freire

Capa: Thais Alves
Revisão: Carla Santos
Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Nota da autora](#)

[Ordem cronológica](#)

[Minha Salvação](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Meu Recomeço](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Minha Melodia](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Meu Mundo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Meu Coração](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Minha Cura](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Biografia](#)

Nota da autora



Querido leitor,

Nosso é o conto mais especial do que todos os outros que já escrevi, pois é um retorno a cada um dos livros que já foram publicados, é um momento de rever os casais.

Foi um desafio e um prazer enorme, porque ele me permitiu entrar no universo de cada um desses personagens que vem cativando leitores em todo o país.

Ele nasceu do desejo de mostrar para vocês como anda os personagens da série *Segredos* depois de *Meu Refúgio*. Para mostrar que, acima de tudo, eles são pessoas como nós e que nenhum felizes para sempre é eterno, mas é recriado a cada amanhecer. Ele nasceu para que vocês possam ver como cada casal renova seus votos de amor e se apaixona mais e mais. Mas também para que possam sentir um gostinho do que vem por aí em *Minha Cura*, conhecendo um pouco mais do Tomaz, que se esconde atrás da figura de professor/cantor.

Eu me apaixonei por cada uma das histórias que, embora sejam pequeninas, estão cheias de mensagens bonitas e carregaram consigo um pedacinho do meu coração e desejo que vocês também possam se apaixonar mais um pouquinho por eles.

Nosso é a história de Christopher, Laura, Vinícius, Poliana, Alan, Monique, Gabriel, Carol, Tomaz, César e Clara. É de todos eles, os *nossos* personagens queridos que aprendemos a amar com seu defeitos e qualidades, medos e fraquezas. Porque o amor verdadeiro é isso, uma junção de características que tornam uma pessoa única e para mim cada um deles é único.

Para que a leitura seja compreendida mais facilmente é importante que você já tenha lido os outros livros da série, principalmente *Meu Refúgio*, para que possa entender a ordem cronológica dos acontecimentos.

Então espero que aproveitem esse presente especial feito para vocês matarem a saudades deles e se sentirem um pouco mais próximos dos *nossos* meninos e meninas nessa que é a época mais especial do ano.

Obrigada por estarem aqui, mais uma vez, e boa leitura!

ORDEM CRONOLÓGICA

~ Série Segredos ~



1



1,5



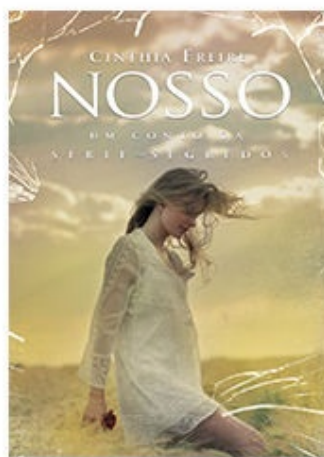
2



2,5



3



3,5

Os livros estão à venda no formato impresso (autografados pela autora com marcadores) e em e-book na Amazon.

MINHA SALVAÇÃO



Fique comigo - ninguém sabe
Yeah, ninguém sabe, a maneira que vai ser
Se estiver indo, vai me levar com você?
Stand By Me – Oasis



Capítulo 1

CHRISTOPHER

Desligo o telefone e me recosto na cadeira, sinto minhas costas reclamarem as horas exaustivas de trabalho e por um instante admito, mesmo que para mim mesmo, que dessa vez exagerei, fecho os olhos e esfrego o rosto com as mãos sem me importar se elas estão sujas ou não.

Velhos hábitos não se perdem nunca.

Olho para a cidade abaixo de mim, as luzes parecem ainda mais vibrantes nessa época do ano e eu me sinto mais sombrio, quase uma versão morta do homem que me tornei nos últimos anos. O homem que luto diariamente para não voltar a ser, por mim e por minha família.

— O senhor ainda vai precisar de mim? — Sandra, minha secretária, pergunta da porta. Deus, eu nem ao menos notei que ela estava ali.

Olho para o relógio e não me impressiono ao notar que já passa das onze da noite. Eu não deveria estar aqui e tenho certeza de que Sandra também não.

— Não, Sandra, pode ir — respondo e noto o alívio em seu rosto por saber que poderá voltar para a sua casa.

— Sim, senhor. — Ela sorri timidamente, trabalhamos juntos há mais de dez anos e ela ainda sorri da mesma forma que no primeiro dia, como se eu fosse capaz de comê-la viva.

Sandra sai e ouço o barulho dela arrumando suas coisas, eu sei que deveria fazer o mesmo, mas estou

tão cansado que estou tentado a ficar por aqui mesmo.

O celular vibra e vejo uma nova mensagem chegando, já são doze no total.

“Você está atrasado!!!!”

Sorrio e quase posso vê-la com as mãos no quadril e seu nariz arrebitado enquanto resmunga que preciso trabalhar menos. Respondo a mensagem de volta.

“Mais dez minutos e estarei indo.”

Guardo o celular quando me surpreendo ao ver Sandra novamente na porta olhando para a sua eterna companheira: a agenda.

— Senhor Smith — Sandra me chama mais uma vez.

— Sim.

— Só para lembrá-lo que amanhã o senhor tem reunião com o novo fornecedor de cimento às oito e com a nova equipe de treinamento às dez e meia.

— Sim, eu me lembro — digo mesmo sabendo que ela sabe que eu não me lembro de nada, ultimamente eu não me lembro mesmo, acho que estou ficando velho. Ou cansado demais.

— Às treze, o senhor tem videoconferência com Gabriel e o Alan e às quinze visita a obra da avenida Faria Gomes.

Volto a esfregar o rosto, o dia nem terminou e eu já me sinto exausto para o próximo dia.

— Quando Gabriel e Alan voltam? — pergunto para a pobre mulher que ainda segura a minha agenda em suas mãos enquanto vê sua hora extra se estender.

— Está previsto para depois das festas, senhor, entre dez e vinte de janeiro. Mas isso vai depender do fechamento da obra da West Town.

— Eu não vejo a hora de tê-los de volta, eles fazem falta por aqui — admito e Sandra dá um dos seus sorrisos tímidos.

Gabriel e Alan estão nos Estados Unidos há pouco mais de um ano e meio, desde que recebi a oferta de uma grande construtora e eles toparam tocar o negócio de lá, foi algo que eu não imaginava que poderia dar certo, mas deu. Graças aos meus meninos, hoje estamos com mais dois contratos fechados e a possibilidade de um deles se fixar permanentemente por lá.

Sinto falta do meu filho, mas sei que ele está bem, desde que Caroline esteja com ele, e ela está. Assim como Alan, Gabriel só aceitou a proposta porque sua namorada foi junto, ela aproveitou para estudar. Já

para Alan, foi uma ótima oportunidade de tratamento para seu filho Benjamin.

Agora, mais de um ano depois, eles estão bem instalados e tão felizes que não tenho certeza se querem voltar para o Brasil, eu os entendo. Desde muito jovem, eu descobri que nosso lar é onde estão as pessoas que nos importam, onde está o nosso coração, o meu sempre esteve aqui, nessa pequena cidade no interior do Brasil, onde encontrei a minha Laura e de onde nunca mais quis ir embora. Se esse for o destino do meu filho, só posso desejar que ele seja feliz, seja lá onde ele estiver.

— Quem fala é o empresário ou o pai? — ela sabe a resposta e seu sorriso aumenta enquanto ela espera que eu confirme.

— Os dois.

— Eles realmente fazem falta, o escritório fica silencioso demais sem aqueles dois por aqui.

Concordo com a cabeça e a dispenso agradecendo e garantindo que estarei aqui para a reunião das oito. Ouço o som do elevador levando-a embora pouco depois e finalmente estou sozinho. Como sempre foi, desde que ela me deixou.

Olho a foto dos meus filhos no porta-retratos que ganhei de Clara no Natal passado, elas mudam a cada dez segundos e eu posso jurar que minha filha colocou umas mil fotos aqui, pois eu nunca me recordo da foto que vejo.

Acho que estou realmente ficando velho.

A foto muda...

Gabriel está sorrindo, é uma das raras fotos em que ele está assim, relaxado e despreocupado, Clara consegue captar uma gargalhada do irmão, eles têm uma conexão tão forte que meu peito dói ao me lembrar dos anos que os impedi que estivessem juntos. Será que as coisas seriam diferentes se ela estivesse aqui? Afasto os pensamentos tristes da minha mente e volto a olhar para a foto, sorrio ao ver meu filho sorrir e agradeço por estar sozinho, pois sinto uma lágrima se formar em meu olho quando relembro tudo o que passamos, sinto saudades dele, das nossas noites sentados no capô do carro em um posto de gasolina, tomando café ruim e fumando escondido enquanto nos reconectávamos. Sinto falta do seu abraço desajeitado e da forma como ele me olha sempre que ele discorda de algo que faço. Mas, acima de tudo, sinto orgulho do homem que ele se tornou e do quanto ele é forte e corajoso, sei que ele tem seus fantasmas, mas eu confio no meu garoto e sei que ele está bem.

A foto muda...

Clara está sentada ao lado de Gabriel, a cabeça apoiada no ombro do irmão, olhando para a câmera enquanto ele olha para ela. Clara tem uns quinze anos aproximadamente, os cabelos loiros e rebeldes, tão parecidos com os meus, os olhos castanhos doces, tão lindos, olhos que aquecem meu coração e que me fazem acreditar que tudo nessa vida tem um motivo. Também sinto saudades dela, Deus! Eu sinto tanta saudade da minha menininha que, às vezes, acho que vou sufocar, eu adoraria tê-la ao meu lado sempre, onde eu pudesse protegê-la, cuidar dela e ter a certeza de que ela será feliz, mas também sei que isso não passa de uma utopia, que os pais jamais podem proteger os filhos e que se machucar é inevitável, só rezo para que eu seja capaz de ao menos estar ao seu lado quando isso acontecer.

A foto muda...

Minha garotinha agora tem em torno de seis anos, os cachos rebeldes espalham-se por todo o seu rostinho e balanço a cabeça como se eu pudesse ouvir a sua vozinha questionadora. Ela está sorrindo e eu mal consigo ver seu rosto debaixo de sua cabeleira loira. Nessa época eu não pude aproveitar sua infância, estava perdido, afundado em dor e comiseração, me sentindo o homem mais maldito do mundo sem me dar conta de que eu tinha os maiores tesouros bem na minha frente.

A foto muda...

Gabriel tem uns doze anos, sinto meu peito apertar, ele está segurando Clara nos braços, seus olhos intensos parecem desesperados, noto um leve vinco em sua testa e quase posso sentir seu medo, as mãos grandes demais para um garoto tão jovem estão espalmadas no pequeno corpo da bebê, mas ele não está sozinho, no canto da foto, quase imperceptível; uma mão está ao lado dele, uma mão pequena, delicada, linda... ela está pronta para socorrê-lo, mesmo sabendo que ele não vai precisar, e consigo notar todo o significado daquela foto, como se estivesse vendo-a pela primeira vez.

A foto muda...

Mas eu já não a vejo mais, minhas lembranças me levam de volta a outro momento da minha vida, quando as luzes do fim do ano ainda me faziam sorrir...

Mesmo que naquela época eu ainda não sabia.



Capítulo 2

— Vermelhas ou coloridas? — Laura segura um pacote de bolas natalinas em cada mão e as move na frente do meu rosto como uma criança ansiosa.

— Eu não sei... — Desvio o rosto quando ela as aproxima demais.

— Vermelhas ou coloridas? — ela volta a perguntar tão empolgada que começo a acreditar que há outro motivo além de o fato de estarmos comprando enfeites de Natal.

— Pelo amor de Deus, Laura, escolha logo essas bolas e vamos embora — digo já irritado com a quantidade de pessoas que se amontoam na loja, não posso acreditar que as pessoas gostem tanto assim de Natal, eu mal reparava nisso até Laura surgir na minha vida, mas eu não deveria me surpreender, Laura tem a capacidade de tornar tudo mais importante, mais bonito e mais especial. Ela olha para mim como se eu tivesse acabado de amaldiçoar o menino Jesus e fecho os olhos desejando retirar o que disse. Droga! Eu sou mesmo um idiota.

Laura coloca as bolas de volta no lugar e me sinto o pior homem do mundo.

— Amor... — a chamo, mas ela não responde. — Por favor, me perdoe...

Ela apenas ergue a mão como se não quisesse ouvir minhas explicações e me aproximo apoiando o rosto em seu ombro e segurando o pacote de bolas vermelhas.

— Eu acho que gosto de vermelhas.

Vejo o reflexo do seu rosto nas bolas, cinco pequenas Lauras olham para baixo, o rosto entristecido pelo meu mau humor e beijo seus cabelos tentando me redimir, antes de puxá-la para mim.

— Me perdoe amor, por favor... — digo em seu ouvido antes de beijar seus cabelos mais uma vez.

— Eu só queria que nosso Natal fosse especial — Laura diz como se precisasse se justificar por estar feliz.

Droga! Eu também deveria estar feliz. Ela está aqui, comigo, mais um Natal juntos e isso deveria ser o suficiente para que eu ficasse feliz, mas não é.

Nunca é.

— Eu sei, eu só fico preocupado...

Laura se vira para mim, seus olhos sempre tão tranquilos me observam como se não fosse capaz de compreender meus medos, aliás, eu tenho minhas dúvidas se ela já se deu conta que estamos cometendo uma loucura. Com certeza não.

— Não fique preocupado, você me prometeu. — Ela passa a ponta do seu dedo entre meus olhos tentando desfazer a ruga que, provavelmente, já se solidificou ali.

— Eu prometi que tentaria, não que não ficaria.

Olho para minha esposa, tão pequena, tão frágil, tento não notar os ossos que se sobressaltam em sua pele dourada, ela está perdendo cada vez mais peso, ao invés de ganhar, o que seria o normal para uma mulher no seu estado e isso me deixa desesperado.

Uma mulher carregando uma cesta cheia de coisas de Natal em uma mão e uma criança chorando em outra, passa por nós, ela esbarra em Laura, que dá um passo para frente com o impacto. Seguro-a e olho feio para a mulher, mas antes que eu diga algo Laura aperta meu braço e me dá um olhar de recriminação.

— Você não está tentando, Chris — Laura continua a falar como se nada tivesse acontecido e eu já estou num nível alarmante de irritação, quero ir embora daqui, quero tirá-la dessa bagunça o mais rápido possível.

— Eu estou... — digo fechando os olhos quando ela acaricia meu rosto como se tentasse me acalmar.

— Tente mais... — ela sussurra, os lábios próximos aos meus. — Se esforce um pouco mais...

Confirmo com a cabeça. Sempre que ela fala, faz parecer mais fácil, mas não é, Deus... é tão difícil que, às vezes, eu mal consigo dormir pensando que os meses estão passando por mim como areia em uma ampulheta sem que eu seja capaz de pará-lo ou diminuir a sua velocidade. Os meses estão passando e eu estou apavorado.

— Vou me esforçar, eu juro — minto para ela, embora eu saiba que ela compreende que não consigo, é mais forte do que eu.

Laura se ergue na ponta do pé e se inclina para a frente beijando minha boca rapidamente antes de se

virar para a prateleira mais uma vez.

— O que acha de levarmos as coloridas? — ela pergunta fingindo que nada aconteceu. — Acho que Gabriel vai gostar mais das coloridas.

Penso em dizer a ela que Gabriel já não liga mais para bolas de Natal, que ele trocaria facilmente a árvore de Natal por videogames e comida, embora, na verdade, ele tenha estado tão preocupado quanto eu, mas ao invés disso, concordo e acabamos levando as bolas coloridas.

A maratona de compras ainda se estende por mais duas horas, meu humor vai acabando à medida que os ponteiros se movem e Laura já não liga mais para as minhas reclamações, ao contrário, parece que a cada reclamação minha seu sorriso aumenta e quando ela finalmente decide que está satisfeita vamos embora, carregados de sacolas e esbarrando em pessoas mal-educadas e apressadas.

Coloco as sacolas no porta-malas e ajudo Laura a entrar no carro dando graças a Deus que esse martírio terminou; entro no carro e apoio a cabeça no encosto respirando fundo e sentindo meus pés pulsarem. Laura liga o rádio e tamborila a melodia em uma felicidade fora do normal enquanto dirijo para fora desse inferno capitalista.

— O que acha de Clara? — ela pergunta quando já estamos do lado de fora do shopping.

— O que disse? — Desvio o olhar do trânsito quando ela pergunta mais uma vez. Demoro um momento até me dar conta do que ela está falando.

Ela acaricia sua barriga e me sinto mal por não estar empolgado com sua gravidez, a verdade é que há dias em que eu odeio esse bebê e os dias que ele está me tirando com Laura; em outros, eu odeio Laura, mas na grande maioria dos dias eu me odeio por não conseguir compreender qual o intuito disso tudo.

— Clara, o que acha? — ela pergunta mais uma vez.

— Você gosta? — pergunto me esforçando ao máximo para parecer interessado.

— Eu acho que sim, esse nome não sai da minha cabeça há algumas semanas.

Ela espalma suas pequenas mãos em volta do ventre e sorri, e a cada vez que ela faz isso eu sinto vontade de chorar porque eu sinto um medo tão grande que, às vezes, acho que vou sufocar.

Eu não queria isso, não queria estar aqui sentado no carro, depois de duas horas de medo e apreensão, imaginando que algo pudesse acontecer a qualquer momento, ouvindo minha esposa comprar coisas como se fosse a última vez que ela fosse fazer isso e tendo que fingir que está tudo bem. Eu não queria pensar que talvez realmente seja a última vez que ela faça isso.

Eu não queria isso, eu não queria...

— Chris?

— Eu acho que Clara é um nome bonito — respondo rapidamente sem pensar muito porque, sinceramente, para mim não importa se é Clara, Maria ou Ana, esse bebê está minando a vida da minha esposa e por mais que ela não tenha culpa, eu a odeio por isso.

— Então está decidido, vai ser Clara.

— Que seja então, como você quiser. — Forço um sorriso para ela e desvio o olhar. Voltamos a ficar em silêncio e apenas a música que toca no rádio nos acompanha, tamborilo os dedos no volante e sem notar começo a apertá-lo, abro a janela um pouco mais porque sinto que o ar dentro do carro é insuficiente e estou prestes a sufocar.

— Christopher. — Ela pousa a mão em meu braço e me afasto, exausto demais para olhar para ela. — Chris... — ela volta a me chamar.

— Não, Laura, agora não. — Ergo a mão pedindo para que ela pare.

— Amor...

— Não! — grito e ela se encolhe. — Agora não, por favor, eu não quero te ouvir agora, eu já sei tudo o que você vai falar.

Ela não diz mais nada e pelos próximos trinta minutos ficamos em silêncio, como dois estranhos, consigo ver ela acariciando a barriga como se tentasse acalmar a bebê e desejo que ela possa fazer o mesmo comigo, eu preciso do seu toque, do seu carinho e, principalmente, da sua confiança.

Chegamos em casa e descemos do carro em silêncio, entramos em casa, o barulho das sacolas se tornando ainda maior, Laura caminha com dificuldade e sei que ela está exausta.

— Vou ver o Gabriel — digo a ela antes de sair em direção à casa dos fundos onde nosso filho fica sempre que não estamos em casa.

— Faça-o vir para casa, por favor — ela diz enquanto se senta com dificuldade no sofá e, embora ela tente esconder, ouço-a gemer.

Caminho até a porta, mas não consigo sair, paro ainda de costas para a minha esposa e fecho os olhos me preparando para falar.

— Eu odeio tudo isso. — Sinto as palavras rasgarem minha garganta e continuo: — Eu odeio essa sensação de que pode ser a última vez, o último dia, o último Natal, o último jantar, a última vez que fizemos amor... Eu sinto que estou me afogando em ódio e não sei como fazer para não sentir, então, por favor, eu te imploro, me ajude a não sentir porque nesse momento eu estou com ódio de você por nos colocar nessa situação.

Laura não fala nada, mas posso ouvir a sua respiração profunda, como se minhas palavras a machucassem, desejo que sim, desejo que ela sinta a dor que estou sentindo nesse momento, porque é injusto demais que apenas eu a sinta.

Não a ouço se levantar, nem mesmo caminhar até mim, quando percebo, ela já está ao meu lado, suas mãos em volta de mim, sua barriga em minhas costas. Ela não diz nada, apenas permanece assim, me abraçando enquanto acaricia meu peito e então acontece... a primeira vez é tão sutil que eu mal posso notar, mas a segunda é forte, tão forte que me viro para confirmar se estou certo.

Laura está chorando e também está sorrindo, um sorriso tão grande que eu começo a sorrir junto. Ela

pega a minha mão e coloca sobre a sua barriga, ela parece tão pequena agora sob meus dedos que tenho medo de machucar o bebê.

— Você sente isso? — ela pergunta no momento em que acontece novamente.

— Sim... — respondo, ou acho que sim porque estou concentrado no movimento embaixo da minha mão.

— Somos nós, eu e você juntos, é o nosso amor, moldado e transformado em vida, sou eu vindo para você, sem medos, sem dor, sem defeitos... é meu presente. Meu último presente para você.

Retiro a mão da barriga e dou um passo para trás.

— Eu não quero o seu presente, não quero, eu nunca quis.

— Eu sei, amor...

— Você foi egoísta, eu nunca quis isso. — Aponto para a barriga que continua se movendo como se quisesse atenção. — Eu nunca quis. Esse presente pode te matar, Laura, e se você morrer eu vou morrer junto.

— Eu vou morrer, Christopher, mais cedo ou mais tarde, meu coração não vai durar muito, todos nós sabemos disso, você já sabia disso quando nos casamos, cada dia a mais é um extra, cada momento em que estou aqui é um brinde, eu só estou tentando deixar o máximo de coisas importantes para você e isso aqui. — Ela segura a barriga com as duas mãos. — É o meu maior tesouro, o presente mais valioso que eu poderia te dar, e você o está renegando, você está tornando os meus dias extras mais tristes...

Esfrego o rosto com as mãos porque não suporto mais ouvi-la falar, é demais para mim, é injusto demais.

— Para, Laura... por favor, para, eu não quero ouvir você falar da sua morte como se fosse algo normal.

— Christopher é normal, para mim é.

— Mas para mim não! — grito pela segunda vez na noite e sinto que estou prestes a perder o controle. — Para mim não, nunca foi, nunca será, nunca, Laura.

— Você não entende? — ela diz ainda sorrindo, mesmo que agora haja lágrimas em seus olhos. — Eu nunca vou morrer, tem um pedaço de mim dormindo na casa dos fundos, e agora mais um pedaço de mim aqui dentro, filhos são a minha forma de me eternizar, de saber que eu não passei por aqui em vão. Mesmo quando eu for, quando Gabriel sorrir, você me verá nele, quando Clara fizer algo que te lembre de mim eu estarei um pouco aqui com você e quando a saudade for muito grande, você só precisa abraçá-los e estará me abraçando também.

Nego com a cabeça a cada palavra que sai da sua boca, é absurdo e doentio ouvir aquilo, ela não pode estar falando sério.

— Não se torture mais. — Ela se aproxima e continuo negando com a cabeça. — Vamos aproveitar o

nosso hoje... — Ela entrelaça seus dedos nos meus e me sinto rendido. — Vamos buscar o nosso menino, depois vamos tomar um banho e deitar, vamos conversar sobre o quanto o dia foi cansativo e vamos nos beijar, vamos fazer amor e dormir, sem pensar em nada, como os outros casais fazem, amanhã vamos montar a nossa árvore de Natal e vamos agradecer mais um ano juntos e desejar que o ano seguinte seja bom, que no fim das contas os momentos felizes sejam mais importantes que os tristes, porque eles virão, mesmo que a gente não queira, os momentos tristes virão, e só nos resta estarmos preparados para quando eles chegarem.

— Eu não estou preparado — admito.

— Você ainda não sabe, amor, mas você vai conseguir... eu sei que vai.

— Como você sabe?

— Porque meu coração continua aqui. — Ela espalma a minha mão em cima do seu peito. — Batendo por você, mesmo depois de superar todas as expectativas. Era um ano, virou dez e ainda estou aqui. — Laura deita a cabeça em meu peito e diz: — Ele sabe por quem bate, ele bate por você, amor.

Abraço a mulher da minha vida desejando que nesse momento ela esteja certa, e no fundo sei que ela está, de alguma forma, Laura sempre sabe de tudo e só me resta confiar que ela está fazendo o melhor para mim, mesmo que eu não tenha a menor ideia de como isso vai acontecer.



Capítulo 3

Quando chego em casa já passa da meia-noite, desço e vou até a casa do fundo, verifico se a casa está fechada e se está tudo bem, venho me preocupando com Penha, ela está envelhecendo e está na hora de fazermos por ela o que ela sempre fez por nós.

Quando termino a vistoria, vou para a minha casa, me sinto exausto, no meio do caminho e não pela primeira vez, penso em qual o motivo para continuar morando em uma casa desse tamanho quando já não há quem a divida comigo. Gabriel se foi, e mesmo que ele decida voltar, hoje ele é um homem, com certeza desejará construir seu lar com Caroline e eu não o condeno. Clara está crescendo, em breve ela partirá para viver suas experiências e eu não poderei proibi-la.

Abro a porta da sala decidido a procurar um corretor na parte da manhã quando noto um clarão iluminando a enorme sala de estar. Meu coração dói, tanto que tenho que me esforçar para respirar, a lembrança as vezes pode ser cruel, e nesse momento eu sinto como se estivesse sendo apunhalado por elas.

— Pai! — Clara se vira e sorri e sinto como se fosse capaz de respirar novamente, não tenho certeza do que realmente ilumina o lugar, se as luzes coloridas que piscam ou se a garota que sorri para mim.

— Oi, filha.

— Eu esperei pelo senhor, mas demorou tanto e decidi montar tudo sozinha, espero que goste da surpresa. — Ela aponta para a árvore de Natal no canto da sala, as bolas coloridas já desbotadas ao lado das novas que foram acrescentadas durante os anos, desde que nossa filha voltou a morar comigo.

— Eu adorei — digo sentindo a minha voz embargar.

— Pai... — Clara se levanta ao notar que seu velho pai está emocionado e corre ao meu encontro e quando minha garotinha me abraça não sou mais capaz de controlar a emoção e choro. — Eu não queria te fazer chorar. — Ela acaricia as minhas costas e envolvo meus braços em volta dela desejando que seu calor e sua voz possam matar um pouco da saudade que corrói minha alma.

— Eu só achei que você gostaria da surpresa — ela justifica.

— Eu sei, filha, eu gostei. — Limpo o rosto com as costas das mãos e Clara passa seus dedos embaixo dos meus olhos tentando limpar algum resquício.

— Me desculpe, pai, eu sei que o senhor gosta de montá-la, mas...

— Não, filha, eu adorei a surpresa, de verdade.

Olho para o rosto da minha garota, agora já quase uma mulher, seus cabelos loiros indomáveis, estão presos em um rabo de cavalo, e mesmo assim, parecem capazes de saltar a qualquer momento, seus olhos sempre tão astutos e vivos estão preocupados e tristes e me detesto por não ser capaz de evitar a emoção que me fez chorar.

Como eu queria que Laura pudesse ver a mulher linda que ela se tornou, eu tenho certeza de que ela diria que valeu a pena, e eu concordaria, valeu a pena, cada minuto, cada segundo, valeu muito a pena.

— O que o senhor achou? — ela pergunta com a alegria de Laura, o mesmo sorriso, a mesma excitação. — Eu trouxe mais dois enfeites da Índia, vem ver.

Ela me arrasta para ver o trabalho que ela teve e os enfeites esquisitos que ela trouxe, penso em perguntar se ela tem certeza de que eles são natalinos, mas ela está tão feliz que eu não me importo se tem um elefante colorido na árvore de Natal, desde que ela esteja aqui comigo, cheia de vida e alegria, eu estou feliz.

— Está bonita, filha, bem.. colorida.

Clara olha para a árvore como se tivesse cinco anos e nesse momento eu desejo que ela realmente pudesse voltar a ter para que eu pudesse pegá-la nos braços e erguê-la para colocar a estrela na ponta como sempre fazíamos. Como o tempo pode passar assim tão rápido?

— Ela gostaria de ver a nossa árvore assim bem colorida, não gostaria? — Clara pergunta olhando para um enfeite e me apresso a dizer.

— Sim, ela adoraria, e com certeza ela compraria esses... — Aponto para os elefantes esquisitos que Clara colocou. — Negocinhos de Natal indianos.

— São elefantes indianos, pai, eles simbolizam força, prosperidade e longevidade, eu achei que seria um ótimo enfeite.

— Você tem razão, filha, são ótimos.

Clara retira uma última bola da caixa e entrega para mim, é antiga e está tão desbotada que já não tenho certeza se é vermelha ou rosa.

— Guardei essa para o senhor colocar. — Ela coloca a bola na minha mão. — Dizem que traz sorte unir algo antigo a algo novo. — Ela segura minhas mãos enquanto fala. — Agradeço mais um ano em que estamos todos juntos, mesmo que separados geograficamente, nossos corações estiveram unidos mais uma vez e desejo que no próximo ano possamos continuar assim. Sempre juntos, não importa o que aconteça.

Coloco a bola na árvore de Natal e volto a me sentar ao lado de Clara enquanto observamos a árvore piscando.

— Sempre juntos — repito. — Não importa o que aconteça. — Clara deita a cabeça em meu ombro e beijo os seus cabelos. — Eu te amo tanto — digo ao acariciar seu rosto e lembrar o quanto eu temi um dia não ser capaz de amá-la, tolice! No momento em que a peguei em meus braços, eu me entreguei a essa garotinha e soube que ela seria a minha salvação.

— Eu também, papai. — Ela se ergue e beija meu rosto. — Eu também.

Abraço minha filha e sinto seu coração bater, me acalmo sabendo que ela é um pedacinho da mulher que amo. No fim das contas, minha esposa tinha razão, ela foi o melhor presente que Laura poderia deixar para mim e para Gabriel.

MEU RECOMEÇO



*Onde você vai, eu vou
O que você vê, eu vejo
Sei que nunca serei eu
Sem a segurança
De seus braços amorosos
Me mantendo longe do perigo
Coloque sua mão na minha
E estaremos de pé
Skyfall - Adele*



Capítulo 1

VINÍCIUS & POLIANA

Eu não estou ouvindo isso... eu não estou ouvindo isso...

Repito mentalmente algumas vezes desejando que seja apenas um resquício de sonho, mantenho meus olhos fechados, bem fechados, na verdade eu aperto os olhos para garantir que eles se mantenham fechados.

O barulho continua. Para meu desespero.

— Mas que porra! Não são nem seis horas da manhã e esses moleques já estão brigando? — Vinícius resmunga ao meu lado e minha esperança de que tenha sido apenas um sonho se desfaz. Ele se esgueira e passa o braço por cima de mim para alcançar o relógio e confirmar que nossos filhos acordam com as galinhas.

— Ah, meu Deus... era para eu ter mais uma hora de sono — choramingo e cubro minha cabeça com o travesseiro enquanto meu marido levanta resmungando.

— Eu não sei mais o que fazer para esses moleques ficarem na cama — Vinícius diz enquanto vai até o banheiro. — Futebol, inglês, natação, judô... caralho, mano, eu fico cansado só de ver os horários deles.

Ouçoo o barulho da descarga e abafa uma risada no travesseiro.

Noah e Bento são meninos ótimos, saudáveis, perfeitos, inteligentes e muito espertos, porém eles têm uma energia que não acaba nunca e isso não seria nada de mais se não estivéssemos sempre tão cansados.

Vinícius ainda pensa que tem superpoderes e está sempre assumindo mais compromissos do que é capaz de cumprir, eu me divido entre os horários dos meninos, meu trabalho de assistente social na ONG e no orfanato.

— O que acha de circo? Ouvi dizer que tem umas atividades bacanas para crianças lá. — Vini diz com a boca cheia de pasta de dente, retiro o travesseiro do rosto para olhar meu marido, os cabelos desgrehados e meio amassados de um lado, os olhos inchados e um vinco no peito causado pelo edredom, durante a noite. A calça de moletom velha caindo em seu quadril me dá uma visão tentadora demais para as cinco e quarenta da manhã. — Poli?

— Ahn? — pergunto enquanto imagino mil formas de tirar essa calça velha e horrorosa do seu corpo.

— Meu Deus! Eu tô começando a ficar assustado — ele diz segurando a escova no meio do caminho, um amontoado de espuma se formando em sua boca. Lindo de doer. — Você está mesmo me cobiçando, com a boca cheia de pasta de dente?

— Qual o problema, fizemos um juramento quando nos casamos, lembra? Na saúde e na doença, com a boca cheia de pasta e algo assim — brinco me erguendo para olhar melhor a vista e agradecendo por não ter cortinas no quarto, a luz do sol ilumina seu corpo, fazendo com que seus pelos dourados pareçam fios de ouro. Mordo o lábio e ele dá um passo para trás como se realmente estivesse com medo de mim.

— Eu não me lembro dessa parte.

— Ah, mas eu me lembro, era algo parecido com isso.

— Já sei, está no período fértil, só pode. — Ele entra novamente no banheiro e ouço o som da torneira sendo aberta.

— E se eu estiver, qual o problema? — aumento o tom de voz para que ele me ouça.

Vinícius sai do banheiro instantes depois, o rosto úmido e um pouco rosado pela aspereza da toalha, ele abre a porta do quarto, o barulho se torna ainda mais alto e *Os Vingadores* já estão lutando para salvar o mundo na sala da nossa casa.

— Você consegue ouvir, Poliana? — Ele aponta para o barulho e ergo os ombros enquanto enrolo uma mecha de cabelo.

— Aham. Eu ouço alegria, amor. O que você ouve? — pergunto enquanto me levanto e vou até ele.

— Eu ouço energia infinita.

— Saúde...

— Sono leve.

— Noites bem dormidas...

— Bagunça.

— Eu ouço vida...

— Você não está falando sério, está? — Seu tom de voz amolece quando espalmo minhas mãos em seu peito forte e musculoso.

— Claro que estou, você ainda me deve uma menininha, Dr. Becker. — Passo a língua no seu mamilo e ele respira fundo tentando conter um gemido.

— O Bento acabou de completar três anos, Poliana.

— Eu sei, ele é um menino incrível, não é?

— Sim ele é, assim como o irmão. — Vinícius sorri como sempre faz ao falar dos filhos, ele é um pai incrível, um pouco mandão, mas com um coração do tamanho... bem, um coração digno do homem que ele é. Enorme!

— Então, eu acho que fazemos filhos incríveis, Dr. Becker — continuo falando enquanto acaricio seu peito contornando sua tatuagem e vendo sua pele se arrepiar.

— Meu Deus, eu casei com uma maluca!

— Você já deveria saber, fui criada cercada de crianças brigando pelo pedaço maior de bolo, isso aqui é fichinha para mim. — Envolver meus braços em seu pescoço e ele me ergue em seu colo, como se eu não pesasse nada. Eu adoro quando ele faz isso.

— Tem certeza? — ele pergunta olhando para mim e eu sinto que posso me apaixonar ainda mais por ele quando me olha desse jeito, meu doutor, meu marido, o homem que todos admiram e respeitam, o chefe da equipe de cirurgia do hospital, diretor da ONG, pai dos meus filhos, o homem que me resgatou da escuridão, que me ensinou a amar e ser amada, o dono do meu corpo e do meu coração. O amor da minha vida.

— A mais absoluta.

— Três filhos?

— Sim.

— E se for outro menino?

— Então teremos quatro filhos.

Ele ri, uma gargalhada forte que reverbera por todo seu corpanzil e faz meu corpo se arrepiar de tesão.

— Se é isso que a minha sardentinha quer...

Vinícius espalma a mão em minha nuca puxando-me para um beijo, sua mão forte segura meus cabelos com força enquanto sua língua invade a minha boca, sinto a textura fria da parede quando ele me apoia nela para poder me beijar com mais intensidade, seguro seus cabelos em minhas mãos e mordo seu lábio com gosto de menta enquanto sinto sua ereção se formar dentro da sua calça.

— O que você está fazendo, doutor Aristolfo? — provoco-o.

— Puta merda! — Vinícius ri e se afasta. — Você sabe como acabar com o clima, hein?

Começo a rir enquanto ele me coloca de volta no chão, brincamos assim desde que nos conhecemos, quando eu não queria acreditar que ele era meu cardiologista, hoje parece bobagem, mas naquela época era quase insuportável para eu admitir que poderia me apaixonar novamente, e principalmente por um homem como Vinícius.

— Espera aqui — digo enquanto abro a porta do quarto novamente.

— Onde você vai?

— Um minuto.

Vou até a sala fazendo o mínimo de barulho possível, observo Noah deitado no sofá de cabeça para baixo, Bento está na poltrona, encolhido, chupando o dedo e quase adormecendo, Hulk está destruindo o mundo, ou talvez o salvando, depende da perspectiva e decido que eles estão bem.

Volto para o quarto correndo e encontro Vinícius sentado na sua poltrona velha, ele está entretido lendo algo no celular e mal nota minha presença, fecho a porta e tranco-a, garantindo a nossa privacidade. Me apoio nela e começo a desmanchar o laço da minha camisola.

— O que você está fazendo, Poliana? — Vinícius olha para mim rapidamente antes de voltar a olhar para o celular.

Começo a ficar com ciúmes dele.

— Estou tentando seduzir meu marido.

A camisola se abre um pouco deixando um dos meus seios à mostra, sinto meu coração disparar no peito como uma garota apaixonada. O problema é que eu me sinto exatamente assim, como uma garota apaixonada.

— Ah, é? — Ele ergue os olhos mais uma vez enquanto começo a subir a barra da camisola tentando parecer sensual.

— Hum-hum... — sussurro manhosamente e mesmo de tão longe consigo ouvir a sua respiração pesada.

Ponto para mim.

— Interessante... — Ele larga o celular em cima de um livro sobre doenças cardíacas e se acomoda na poltrona descansando um dedo sobre seus lábios como se estivesse analisando algo muito interessante.

Ergo a barra até a altura do umbigo e deixo que a alça da camisola caia expondo um pouco do outro seio também, meu corpo treme de nervosismo, de ansiedade e também de excitação, gosto da forma como ele me olha, como se eu fosse algo apetitoso.

Desço minha mão até minha calcinha e coloco-a entre minhas pernas, Vinícius abre a boca como se não conseguisse respirar e se mexe na poltrona buscando uma posição em que fique mais confortável.

Começo a me acariciar, no início meio sem jeito, um pouco tímida e bastante nervosa, Vinícius se inclina para frente, como se precisasse enxergar melhor e encontro um ritmo que me agrada, movo minhas mãos cada vez mais rápido e começo a gemer.

— Vinícius... — choramingo seu nome e meu corpo parece estar prestes a pegar fogo quando ele se levanta e vem até mim, rapidamente, sem hesitar.

— Estou aqui, minha sardentinha... — Ele segura um dos meus seios acariciando-o enquanto me beija com força. — Eu estou aqui — ele diz quando o beijo acaba, levando consigo todo o ar dos meus pulmões. — Me diz o que você quer e eu faço, tudo o que você quiser, é só pedir e eu faço.

— Eu quero você — digo e ele me ergue em seus braços.

— Eu sou seu, meu amor, sempre fui — ele diz enquanto seus dedos se movem no lugar onde antes estavam os meus.

— Eu quero você, dentro de mim. — Olho em seus olhos e sinto o seu desejo como fogo, queimando em seus profundos olhos azuis.

Vinícius não perde tempo, em instantes seu corpo se encaixa no meu, minha calcinha é puxada para o lado e ele me penetra, lentamente, enquanto me beija e me toca.

— Assim? — ele pergunta em meu ouvido, entre mordidas e chupadas. — É assim que minha pequena me quer?

Não consigo falar, sinto que ele está em toda parte e tudo o que consigo fazer é balançar a cabeça enquanto tento manter meus olhos abertos.

— Você quer assim? — Ele se move, devagar, me provocando e me beijando. — Ou você quer mais forte? É só pedir, amor... vamos, peça!

— Mais forte... — digo, ou sussurro, não tenho certeza, porque no instante seguinte estou sendo levada para a cama e, então, Vinícius começa a fazer amor comigo, em todo o tempo sou eu quem digo o que quero, enquanto ele faz exatamente como quero. Ele é duro, selvagem e sexy, e não demoro muito para começar a perder a sanidade. Ele me segura em seus braços e, quando sinto que vou gozar, ele me satisfaz, até que eu esteja plena e incapaz de respirar direito e então ele vem, um pouco depois, mais duro, mais intenso, mais másculo.

E é a coisa mais bela que já vi na minha vida.

Quando ele deita ao meu lado, apoiando a cabeça em meu ombro, a respiração pesada e os olhos estreitos, eu me enrosco em seu corpo e beijo seus cabelos úmidos de suor.

— Eu te amo — digo com os lábios colados em sua testa. — Com toda a força do meu coração.

Vinícius abre os olhos e se inclina para trás para poder me ver melhor.

— Tudo isso por uma garotinha? Estou me sentindo meio usado aqui.

— Você ainda não viu nada, sou uma mulher determinada, doutor.

Subo em cima dele e volto a beijá-lo.

— Acho que eu posso suportar ser usado por você — ele diz segurando meus cabelos. — Eu vou sobreviver.

— Eu não tenho tanta certeza. — Inclino-me para frente, decidida a recomeçar onde paramos quando a maçaneta da porta se move.

— Mamãe, eu tô com fome! — A voz chorosa de Bento faz com que Vinícius quase me jogue no chão e me apresso a puxar a camisola para cima.

— Jesus Cristo! — Meu marido se levanta escondendo a atividade de seu corpo com as mãos como se Bento estivesse aqui dentro e não consigo evitar o riso.

— Mamãe já vai. — Levanto, desviando de um Vinícius atrapalhado em busca da sua calça de moletom e aguardo até que ele esteja devidamente vestido para que eu possa abrir a porta.

— Oi, meu amor. — Vou até meu caçula e beijo seus cabelos loiros enquanto o levo para fora.

— Eu tô com fome, mamãe — ele choraminga e pego-o no colo enquanto caminho até a sala onde Noah continua está esparramado no sofá assistindo *Os Vingadores* pela milionésima vez.

— Bom dia, mocinho! — Vou até ele e beijo seu rosto.

— Oi, mamãe — ele fala sem tirar os olhos da TV como se eu não fosse mais a mulher mais importante da sua vida.

— Está com fome?

— Um pouco.

Vou até a cozinha preparar o café da manhã dos meus garotos, logo Vinícius chega usando uma camiseta com o martelo do Thor estampada nela e se senta ao lado de Noah.

— E aí, prontos para passarem o dia com o papai?

— Eba!

— Yeah!

Os meninos logo começam a planejar o que vão fazer, hoje Vinícius está de folga, uma raridade, e vou aproveitar para poder ir ao orfanato, já tem mais de um mês que não consigo ir lá e a mãe está à minha espera.

—Posso tomar um banho? — Inclino-me e beijo Vinícius.

— Pode deixar que assumo daqui. — Ele pisca para mim e desejo poder ficar em casa com eles, mas preciso ir.

Antes de ir para o banheiro, olho para nossa enorme mesa, para a quantidade de cadeiras vazias e não tenho dúvidas, temos muito espaço nessa casa.



Capítulo 2

POLIANA

Uma hora depois estaciono o carro na frente do orfanato, mesmo daqui já consigo ouvir as crianças brincando, o cheiro de café com leite e pão caseiro me trazem lembranças fortes de minha infância e sorrio pensando em como a minha vida mudou. Um dia estive aí dentro, precisando de cuidados e hoje sou aquela quem cuida.

Madre Otília já está me esperando, com seu olhar materno e um sorriso caloroso que enche meu coração de emoção.

— Você chegou cedo, filha. — Ela me abraça e me beija, exatamente como uma mãe ao receber sua filha em casa.

— Os meninos não me deixam dormir, eles despertam as galinhas.

Madre sorri e entramos de braços dados enquanto conto a ela como Noah e Bento estão deixando Vinícius de cabelos brancos e eu com olheiras profundas.

— Filhos são assim mesmo, uma eterna contradição, se estão agitados queremos que se acalmem, se estão quietos ficamos preocupadas achando que há algo errado, sempre estamos apreensivos e acredite, minha filha, isso nunca acaba.

Vamos para a cozinha onde uma mesa enorme está sendo montada com café da manhã, nos sentamos na ponta e comemos junto com algumas freiras e crianças, elas sempre gostam quando recebem visitas, é um jeito de sentirem que não estão jogadas aqui dentro, escondidas da sociedade, eu sei como é, já me senti

assim.

Depois do café, a madre me leva para o seu escritório para que possamos conversar, seu ar sério me faz ficar preocupada, madre Otília já está acostumada com situações difíceis, crianças abandonadas ao nascer é a mais bonita das histórias sobre órfãos que se possa conhecer, há muito mais dor e sofrimento, abandono e tristeza, medo e solidão do que se pode imaginar e sinto que o que ela está prestes a me falar é exatamente esse o caso.

— Ela chegou há alguns dias — a madre começa a falar enquanto leio o relatório do orfanato. — Bastante assustada e quieta, não consegue comer e toma uns cinco banhos por dia, não permite que ninguém chegue perto dela e não fala com ninguém.

Abro o formulário da garota enquanto ouço a madre me contar como ela está se comportando no orfanato.

Nome: Nina dos Santos Couto

Idade: 12 anos

Mãe: Aparecida de Sousa Santos

Pai: Desconhecido

Histórico: Resgatada da casa da família depois de uma denúncia anônima de maus-tratos, após passar por perícia médica foi constatado abuso físico através de lesões em diversas regiões do corpo e abuso sexual...

Continuo lendo o relatório e a cada informação me sinto mais triste, sei o que é ser invadida, tomada de si e usada como se fosse um objeto e saber que tudo isso foi feito a uma garotinha me faz desejar vingá-la.

— Onde ela está? — pergunto para a madre antes mesmo de levantar os olhos do papel.

— Graças a Deus você está aqui, minha filha — ela fala e olho para ela surpresa por seu tom de voz. — Venha, eu te mostro.

A madre se levanta e se aproxima, estendendo sua mão para segurar a minha. Ela sabe que, embora eu procure me manter afastada dos casos que pego, abuso sexual é algo que mexe comigo de uma forma que não posso evitar.

Passamos entre crianças barulhentas, brincando felizes e não posso deixar de lembrar dos meus meninos. Duas realidades tão diferentes: uma na qual cresci e sei bem como funciona, embora não saiba explicar o motivo da alegria em estar ao lado de crianças que mal conhecemos; outra que aprendi a compreender há seis anos quando Noah chegou em minha vida e agora com Bento.

Olho para um grupinho de meninas que deve ter aproximadamente a mesma idade de Noah, elas brincam com suas bonecas, alheias ao mundo a sua volta e relembro a conversa que tive hoje cedo com Vinícius.

E se for outro menino?

Então teremos quatro.

Sim, eu quero mais filhos, mesmo sabendo que enlouquecerei com mais uma criança naquela casa, que as noites de sono serão mais escassas e que Vinícius vai pirar. Mas eu quero mais filhos, talvez eu queira mais dois. Quatro filhos me parece um bom número.

Madre Otília para na frente de um dos quartos coletivos, a porta está entreaberta e as janelas fechadas embora esteja um lindo dia.

— Ela não gosta muito quando o dia está ensolarado — a madre justifica como se ouvisse meus pensamentos. — Em dias assim, ela fica ainda pior. Mais reclusa e um pouco agressiva.

— A psicóloga já veio vê-la? — pergunto desejando que Caroline estivesse aqui no Brasil, ela saberia como agir. Mesmo antes de decidir cursar a faculdade de Psicologia, ela já tinha um dom natural para lidar com pessoas quebradas; e, pelo que eu sei, essa garota está em pedaços.

— Já, mas ela se recusa a falar.

— E por que a senhora acha que comigo será diferente? — Olho para a mulher sábia que me criou e me assusto ao perceber que talvez ela me conheça melhor do que eu mesma.

— Porque você já esteve em pedaços, assim como ela. Você saberá como alcançá-la.

— Mas você sempre me alcançou, madre — digo lembrando dos dias em que a sua voz era a única luz na escuridão em que eu vivia. Quando era por ela que eu acordava todos os dias e por ela eu jurei ser uma pessoa melhor.

— Sim. — A madre abre a porta e olha para mim com um sorriso gentil nos lábios. — E eu sei que agora é a sua vez de alcançar alguém, de mostrar a essa garotinha o caminho para a luz.

Ela acaricia minhas costas me incentivando a entrar e sai, seguindo para suas obrigações do dia e me deixando sozinha.

Sinto um bolo se formar em meu estômago quando penso no que a madre falou, sim eu conheço sua escuridão, eu já senti o que ela está sentindo, já desejei me lavar até arrancar toda a minha pele para depois perceber que a sujeira estava gravada como tatuagem em minha alma. Já chorei até adormecer, já tive vergonha, já me senti culpada, já desejei morrer...

Mas a diferença é que eu era uma mulher e ela não passa de uma garotinha.

É. Talvez eu não saiba o que é estar na sua escuridão. Talvez cada um tenha a sua escuridão. Eu só desejo ser realmente capaz de encontrar o caminho que me leva até ela.

Entro no quarto e deixo a porta aberta, olho entre os beliches em busca de uma garota, o quarto está relativamente escuro e não consigo ver muito a minha frente.

— Olá — digo para ninguém em especial. Mas ninguém responde. — Nina, não precisa ter medo, eu

só vim aqui para te ver.

Ando lentamente pelo quarto em busca da menina, chego a cogitar o fato de que a madre esteja enganada e não haja ninguém aqui.

— Olá... — a chamo mais uma vez, mas não obtenho resposta. Até que a encontro. Encolhida em um canto, tão pequenina que tenho dúvidas de que ela seja a garota de quem estávamos falando.

Seus cabelos negros estão cortados irregularmente, como se ela mesma houvesse feito o serviço, estão tão curtos que mal escondem seu rosto que está virado para a parede. As mãos pequenas e magras estão cravadas nas pernas com tanta força que as pontas dos dedos estão avermelhados com a pressão.

Ela está apavorada e eu conheço bem essa sensação. Eu já estive lá.

— Olá, Nina — digo com doçura ou será que é compaixão? Talvez medo? Eu não sei dizer.

Me aproximo um pouco, mas mantenho uma distância segura para que ela não se sinta invadida. Sento-me no chão e imito sua postura. Ergo meus joelhos até a altura do rosto e envolvo-o com meus braços.

— Posso ficar aqui com você? — pergunto mesmo sabendo que ela não vai responder, mas sei o quanto é importante saber que alguém se importa, mesmo quando achamos que não ligamos mais.

Nina não se move, tão quieta que parece uma estátua, como se fosse algo do qual ela já está acostumada a fazer. Ela permanece quietinha, olhando para a parede, mas noto que os dedos do seus pés se encolhem como se ela não estivesse escondida o suficiente. Ou se a minha presença a deixasse nervosa. Me afasto um pouco aumentando a distância entre nós e tento mais uma vez.

— Eu não vou te fazer perguntas, tá, nem vou falar nada, só vou ficar aqui com você, também estou precisando de um pouquinho de silêncio.

Nina não se mexe e decido que terminamos por hoje, então começo a observá-la, sua postura, seu pequeno corpo encolhido me dá a dimensão do quanto ela está magra para uma garota da sua idade, a forma como ela talhou o cabelo, como se quisesse se livrar de qualquer lembrança de que um dia ela tenha sido uma menina. Como se ela fosse a culpada por chamar a atenção de um monstro. Seus braços estão machucados, a pele esfolada de tanto lavar, como se assim ela pudesse se livrar da sujeira, do cheiro, das lembranças.

Eles estão lá. Todos os indícios, todas as pistas.

E terrivelmente, eu conheço todas. Cada. Uma. Delas.



Capítulo 3

Já é noite quando chego em casa, estou exausta física e emocionalmente. Não obtive nenhum sucesso com Nina, ela sequer olhou para mim, e ao sair do quarto tive a sensação de fracasso que temi sentir desde que decidi me tornar assistente social. Eu sabia que um dia teria um caso assim, Nina não é a primeira vítima de violência que atendo, infelizmente isso é mais comum do que eu gostaria, mas tem algo em Nina que mexe comigo de um jeito que eu não consigo controlar, e por mais que eu queira fingir não notar, eu sei o que é.

Eu me vi nela.

Olho para minha casa, uma enorme propriedade, maior que o orfanato onde vivi com tantas crianças. Mesmo dentro do carro consigo ouvir as risadas de Noah e Bento, e sorrio porque sei que meus filhos são felizes, amados e estão protegidos.

— Poliana? — Vinícius me chama e dou um grito ao notar que ele está ao meu lado, debruçado na janela, e eu sequer notei. — Por Deus, amor! Você está pálida, o que houve?

— Eu... eu só me assustei, eu não sabia que você estava aí e...

— Poliana — ele me chama daquele jeito, como se meu nome se desmanchasse em seus lábios. Não respondo, não consigo. Vinícius abre a porta do carro e me estende a mão, saio segurando a sua mão e quando ele me abraça não consigo mais evitar as lágrimas e choro.

Um choro querasga minha garganta, um choro de dor, de medo e desesperança, algo que não sinto

desde que Vinícius entrou em minha vida, mas que hoje me pegou de um jeito que não consigo controlar.

— Shhhhh... eu estou aqui. — Ele acaricia meus cabelos enquanto me agarro a sua camiseta envergonhada, mas incapaz de parar. — Eu estou aqui, amor, está tudo bem.

Vinícius continua repetindo isso enquanto molho sua camiseta, ele beija o topo da minha cabeça e me consola e acaricia minhas costas enquanto choro por aquela garotinha e por uma Poliana que já não existe mais, mas que hoje se fez real em minha memória.

O tempo passa, o choro diminui, Vinícius continua pacientemente me segurando e, quando sente que estou mais calma, ele ergue meu rosto e seca minhas lágrimas com suas mãos fortes e delicadas, mãos que curam o corpo e a alma.

— Você está bem agora?

Confirmo com a cabeça e ele se inclina para beijar meus lábios.

— Posso te levar para nossa casa?

Confirmo mais uma vez enquanto repito mentalmente suas palavras. “Nossa casa”, duas palavras que significam para mim algo que eu jamais imaginei que um dia teria. Lar.

Entramos em casa e sou recebida por um abraço em dupla que faz com que os meus fantasmas fiquem do lado de fora.

— Mamãe, é hoje que vamos montar a árvore de Natal? — Noah pergunta animado.

— É hoje que Papai Noel vem. — Bento diz dando pulinhos de alegria.

— Hoje a mamãe está cansada, vamos montar amanhã — Vinícius diz para a tristeza dos meninos.

— A mamãe promete que amanhã montamos a nossa árvore juntos, tudo bem? — digo olhando para o rostinho decepcionado deles.

Noah cruza os braços e fecha a cara, tão ranzinza quanto o pai quando não tem o que quer, Bento começa a chorar fazendo biquinho e quebrando meu coração e Vinícius se abaixa para conversar com eles.

É incrível a conexão dele com os meninos, embora ele passe a grande parte do seu tempo trabalhando, ele faz valer a frase “o que vale não é o tempo que se passa junto, mas sim a qualidade desse tempo”. Vinícius é o melhor pai do mundo, amável, carinhoso, atencioso e disciplinador. Ele sempre consegue o que quer com os meninos e isso é lindo de ver.

Depois do jantar passamos um tempo com os meninos, assistimos a um filme e logo Vinícius leva as crianças para o quarto enquanto coloco a louça na lava-louças.

— Enfim sós — Vinícius diz parado na porta da cozinha, caminho até ele e seguro a mão que ele estende para mim e o sigo até nosso quarto.

Ele fecha a porta e vai até o banheiro, liga o chuveiro e vem até mim, beija meus cabelos em silêncio e retira minha roupa, fazendo amor comigo da forma que sempre fez, com seus olhos, com seu amor, com seu cuidado. Ele me leva até a banheira, me ajuda a entrar e, em seguida, se desfaz das suas próprias roupas e se junta a mim. Sento-me entre suas pernas, deito minha cabeça em seu peito e ele me envolve com seus braços. Ficamos assim, quietos, sem dizer nada, suas mãos acariciando meus braços, em um vai e vem relaxante até que me sinto pronta e começo a falar:

— Ela se chama Nina. — Sinto meu coração apertar como se estivesse de volta àquela noite quando decidi me expor para o médico que havia salvado meu corpo e meu coração. — Ela só tem doze anos, apenas doze anos...

Ele me abraça, me encorajando a continuar. Conto a ele tudo o que sei sobre seu caso, com o desejo de um dia descobrir tudo sobre a menina que se perdeu diante da brutalidade e da violência. Desejando que um dia meu silêncio possa ser tão protetor para ela como o de Vinícius é para mim.



Acordo no meio da noite, envolta nos braços de Vinícius. Vejo seu jaleco pendurado próximo a porta e tento não fazer barulho, em poucas horas ele estará de volta ao hospital.

Levanto-me devagar, vou ao banheiro e não me surpreendo ao ver meus olhos inchados, lavo o rosto e saio em direção ao quarto dos meninos, eles estão dormindo, cada um em sua cama, tão seguros, tão tranquilos. Entro no quarto e vou até Bento, beijo suas bochechas rosadas e me surpreendo com o fato dele ter crescido tão rápido, depois me deito ao lado de Noah, acaricio seus cabelos loiros sentindo seu cheiro tão familiar, beijo seu rosto e o abraço. Fecho meus olhos e penso em Nina, em como ela deve odiar as noites, o silêncio, os pensamentos, as lembranças... tudo se acentua à noite. O medo se potencializa, as fraquezas nos sufocam e é como se pudéssemos viver tudo de novo.

Faço uma oração rápida desejando que ela possa dormir essa noite, com a certeza de que eu voltarei, quantos dias forem necessários, mesmo que seja apenas para estar ao seu lado, eu voltarei, até que ela encontre o caminho de volta à luz. E eu estarei lá esperando por ela.

Não importa quanto tempo for preciso.



No dia seguinte, Vinícius chega em casa tarde, Noah e Bento adormecem esperando por ele. No fim

das contas demoramos mais três dias até que conseguimos montar nossa árvore de Natal do jeito que fazemos todos os anos.

— Eu posso fazer meu pedido de Natal? — Noah pergunta enquanto coloca um enfeite na árvore.

— Eu também quero! — Bento fala animado.

— Claro que podem, meninos — digo sorrindo em meio a enfeites, luzes e bonecos dançantes.

— Eu quero um rinoceronte — Noah diz convicto de que será atendido.

— E eu quero um martelo do Thor! — Bento faz um movimento como se estivesse segurando um martelo de verdade.

Os meninos ficam tão empolgados que pedem para dormir na sala, Bento coloca seu travesseiro ao lado da árvore e esperamos até que eles adormeçam para colocá-los na cama, exaustos, mas nos sentindo os pais mais sortudos do mundo.



Capítulo 4

Na semana seguinte vamos todos ao orfanato, é dia de festa e enquanto os meninos correm de um lado para o outro, eu e Vinícius ajudamos a arrumar a decoração junto com as freiras e as garotas maiores. Pouco tempo depois me afasto de todos e saio para me encontrar com Nina. Uma rotina que está se estabelecendo entre nós.

Quase todos os dias eu a vejo, não temos tido muita evolução, nunca falamos nada, mas me sento ao seu lado e leio para ela. Um pouquinho por dia, todos os dias, depois comemos juntas no mais absoluto silêncio. Parece pouco, mas é um grande passo, sinto que ela está se abrindo para mim, do seu jeito, no seu tempo.

— Em alguns dias será Natal, hoje terá uma festa aqui no orfanato, como você deve saber. — Assim que começo a falar Nina para de comer. — Eu te trouxe algo, não sei se você vai gostar, mas foi muito importante para mim em uma época em que eu me sentia perdida.

Estendo o pacote que contém um exemplar de *Pollyanna* em sua direção, omito o fato de que o meu livro foi um presente da minha mãe para mim, não quero que ela se sinta desconfortável, seu relacionamento com a mãe não era bom, de acordo com o seu relatório. Nina abaixa os olhos para a embalagem, mas não a pega, deixo o presente no chão, entre nós e volto a comer, ela faz o mesmo como se me imitar fosse a sua forma de me dizer que minha presença lhe conforta. Talvez seja, ou talvez seja apenas a minha necessidade de estabelecer uma conexão com essa menina, nem que seja por alguns instantes.



Já passa da meia-noite quando finalmente vamos embora do orfanato, Vinícius carrega um Noah adormecido e completamente sujo em seus braços e eu levo Bento não muito diferente nos meus, colocamos os meninos no carro e nos despedimos da Madre que nos acompanha, antes de ir embora olho mais uma vez para o orfanato e vejo uma garotinha na janela, tão escondidinha que não tenho certeza se estou vendo mesmo, até que ela ergue uma mãozinha e acena para mim, ergo a minha mão e aceno para ela e então ela desaparece, voltando para a sua solidão.

— Acho que vocês estão chegando a algum lugar — Vinícius diz quando entro no carro.

— Você também viu? — pergunto porque preciso ter certeza de que não foi uma ilusão. Ele confirma balançando a cabeça e volto a olhar para a janela vazia enquanto voltamos para nossa casa.

Demora muito até que Vinícius fale, com sua voz forte e segura. Algum tempo depois soube que ele já havia pensado em tudo, mas no momento em que ele diz as palavras, me sinto como no momento em que descobri que estava grávida de Noah.

— Você ainda quer uma garotinha?

E então eu sinto, o exato momento em que o eixo da Terra muda, quando minha vida se transforma, como um trem trocando os trilhos, mudando sua rota, seguindo o seu caminho, ao destino que Deus o enviou.

MINHA MELODIA



Isso eu te prometo
Eu sempre vou zelar por você
É, é isso que eu faço
Sparks – Coldplay



Capítulo 1

ALAN & MONIQUE

Se alguém me dissesse há seis anos que aos trinta anos eu estaria morando em uma linda casa no subúrbio de Nova York, trabalhando com o que mais amo, casado com o amor da minha vida, pai de três filhos, um deles adotado e que já está maior do que eu, eu não acreditaria. Mas essa é a minha vida. E eu sou um filho da puta de muita sorte.

Aumento o som do carro quando começa a tocar *Shiver*, é uma raridade, quase não a ouço mais, na verdade eu quase não ouço mais música, não que eu não goste, eu só não tenho mais tempo para isso. E também nunca estou sozinho.

— Mas que porra, Gabriel! — reclamo quando ele abaixa o volume e volta a olhar para a estrada à nossa frente.

— Mas que porra digo eu! Pra que ouvir o rádio nessa altura como se fosse um moleque?

— Você está muito ranzinza — provoco-o. — Um velho ranzinza.

— Velho o caralho, apenas estou mais seletivo — ele responde sem desviar o olhar da estrada e agradeço sua cautela. Nessa época do ano, as nevascas se tornam mais constantes e as estradas parecem serem cobertas com sabão. Nem mesmo os pneus para neve dão conta.

Aumento o volume mais uma vez e começo a cantar, para desespero de Gabriel. Continuamos nos provocando, conversando e reclamando do trabalho como fazemos todos os dias no último ano. Foi uma

boa decisão vir morar aqui, bom para nós como profissionais e bom para mim como pai, aqui tenho acesso a melhores opções de terapia e acompanhamento para Ben, ele está entrando na adolescência, sempre soubemos que seria uma fase difícil e para meu desespero essa fase chegou mais rápido do que eu esperava. As crianças são mais tolerantes ao diferente, os adolescentes não.

— Já decidiu o que vai fazer no Natal? — pergunto a Gabriel algum tempo depois.

— Eu tô esperando a resposta do meu pai, o que ele decidir estará decidido.

— Você sabe que a Monique e a Caroline devem estar planejando convidar o bairro inteiro? Elas não param de comprar coisas e escolher receitas.

— Achei que só eu tinha notado isso — Gabriel fala sem tirar os olhos da estrada.

Continuamos falando sobre as ideias das nossas garotas para o fim do ano pelo resto do caminho até que chegamos em casa. Desço do carro e me despeço do meu amigo. Quando abro a porta, o cheiro de caramelo me acerta como um tapa e sorrio como um bobo apaixonado que sou. Tiro o casaco e coloco-o no armário, entro seguindo o som da música e encontro Monique no meio da nossa cozinha, usando um short de ginástica e uma das minhas camisetas velhas, ela se move de um lado para o outro, mexendo algo no fogão, dançando de uma forma tão sexy que não consigo fazer nada a não ser olhar.

E é o que faço.

Afrouxo a gravata e me apoio no batente enquanto observo a minha mulher, minha melodia, o som do meu coração, a garota mais bonita que já vi na vida me torturar, sem nem ao menos saber.

— Alan! — ela grita ao notar que estou aqui. — Que susto você me deu. — Coloca as mãos em cima do peito como se tentasse impedir que o coração saísse.

— Oi, Caramelo — digo ainda parado no mesmo lugar e analisando as opções que tenho.

— Quanto tempo está aí?

— O suficiente. — Caminho até ela sentindo meu corpo cansado reagir ao seu à medida que me aproximo. — O suficiente para perceber que eu sou completamente apaixonado por você.

Seguro-a pela cintura e Monique envolve meu pescoço com as mãos.

— Que declaração mais bonita.

Desço minhas mãos por seu corpo até chegar a sua bunda, espalmo minhas mãos nela e a ergo em meu colo. Monique envolve meu quadril com suas pernas e sorri agitada.

— O que você está fazendo?

— Abraçando a minha garota. E você? — Beijo seu pescoço e ela se encolhe e sorri.

— Sendo beijada por um cara gato.

— Um cara gato? Como assim? — Mordisco sua orelha e ela dá um gritinho que me deixa um pouco surdo e totalmente louco. — Quanto tempo temos?

Monique ergue o olhar até o relógio na parede.

— Meia hora — ela diz com uma agitação na voz que me faz lembrar de quando éramos apenas dois adolescentes apaixonados se beijando escondidos nos cantos da escola.

Levo-a para o andar de cima, sem deixar de beijá-la nem um minuto sequer, tropeço nos degraus algumas vezes arrancando uma gargalhada sincera da minha esposa. Quando chego ao nosso quarto estamos ofegantes e tão felizes, como jamais imaginei estar um dia.

— Eu amo você — digo a ela. — Deus, eu ainda amo tanto você.

Monique olha para mim e sorri, deito-a na cama e me coloco acima dela, acariciando seus cabelos desalinhados e admirando a sua beleza.

— Que bom saber, porque esse é o meu plano para os próximos cinquenta anos.



Capítulo 2

— César ligou ontem — Monique diz enquanto veste uma roupa e penteia os cabelos ainda úmidos. Ela está com pressa, aliás, Monique está sempre com pressa.

— E aí? — pergunto sem me levantar da cama, hoje estou de folga, para minha alegria.

— Ele disse que vem para o Natal. — Ela olha para mim com um sorriso enorme nos lábios. — Eu nem acredito que ele vem.

César entrou para a universidade alguns meses atrás, ela fica em outra cidade a algumas horas de distância, já não o vemos mais com tanta frequência, mas, embora estejamos sempre preocupados com ele, sabemos que isso é algo normal por aqui, estamos felizes por ele, mesmo que a saudade e a preocupação seja algo que faça parte do nosso cotidiano desde então. Mas acho que isso faz parte da vida dos pais.

— Então já está tudo certo, a ceia será na casa do Gabriel?

— Sim — ela responde com uma euforia fora do normal e começo a rir. — Eu e a Carol vamos comprar algumas coisas que estão faltando e logo estará tudo pronto.

— Cuidado, amor, eu me preocupo com vocês dirigindo por aí nesse tempo.

— Eu sou cuidadosa. — Ela se inclina até mim e me beija. — Preciso acordar o Ben.

Ela sai em direção ao quarto de Ben e eu volto a me deitar, satisfeito e cansado, mas acima de tudo realizado demais para conseguir fazer alguma coisa além de dormir. Cinco minutos depois, ela volta carregando uma Sarah sonolenta e chorosa.

— Alan, a Sarinha acordou, vou deixá-la aqui com você, tá?

Embora Monique tenha feito uma pergunta, não é como se ela esperasse por uma resposta, é apenas uma afirmação, Sarah engatinha até mim e se senta em cima da minha barriga.

— Oi, meu amorzinho. — Puxo-a para um beijo.

— Papai, você tá dormindo... — ela diz e bate na minha barriga, finjo que doeu e ela cai na gargalhada e depois repete começando uma brincadeira.

— Benjamin! Vamos nos atrasar se você não se apressar — Monique diz antes de vir até nós e nos beijar mais uma vez. — Vocês vão ficar bem? — ela pergunta olhando para Sarah.

— Vamos voltar a dormir assim que vocês saírem.

Benjamin entra no quarto e vem até mim.

— Bom dia, papai. — Ele se deita ao meu lado e me abraça.

Benjamin é um garoto carinhoso, principalmente com Sarah e ela o adora.

— Bebê — Sarah o chama e ele a beija antes de se levantar.

— Bom dia, filho, boa sorte na terapia.

Benjamin sai acompanhado de Monique e me impressiono com a rapidez com que ele está crescendo, ele está quase do tamanho da mãe e tão bonito quanto ela, embora todos digam que ele se parece comigo. O que eu discordo completamente.

Quando ouço o barulho do carro saindo da nossa garagem deito Sarah ao meu lado novamente e faço carinho em seus cabelos e logo estamos dormindo novamente.



Não existem muitas coisas que me deixam desestabilizado nessa vida, sou realista, já passei por tanta merda que eu posso até afirmar que sou um cara durão. Mas se tem algo que despedaça meu coração é ouvir um dos meus filhos chorar.

— Vai ficar tudo bem, docinho, vai ficar tudo bem... — sussurro no ouvido de Sarah enquanto a balanço caminhando de um lado para o outro no quarto. Mas ela não parece acreditar muito nas minhas

palavras.

Na verdade, nem eu estou acreditando mais em nada.

Já faz mais de uma hora que estou tentando acalmá-la, mas nada surte efeito.

Vou até meu celular e olho na tela para ter certeza de que a mensagem foi enviada e que chegou ao seu destino. Ela chegou, e para meu desespero, há mais de meia hora.

Vou até a janela e olho para a imensidão coberta de neve que se tornou a rua onde moramos, me xingo mentalmente por ter aceitado a ideia de deixar Monique sair nessas condições. Onde eu estava com a cabeça, meu Deus?!

Volto a minha frustrante rotina de balançar Sarah, minha cabeça está começando a doer, estou preocupado com Monique e Ben e, principalmente, com a minha filha, sem saber mais o que fazer pego um cobertor no berço e saio rumo a casa ao lado.

O vento parece carregar milhares de lâminas invisíveis capazes de cortar a minha pele tamanho o frio que sinto no percurso de alguns metros até a porta. Mal ouço o chorinho de Sarah escondida debaixo do cobertor e fico aliviado quando não demora para que a porta seja aberta.

— Meu Deus, Alan, o que houve? — Caroline abre a tela para que eu possa entrar com Sarah e a fecha imediatamente nos protegendo do frio.

— Ela não para de chorar e eu não sei mais o que fazer. — Continuo balançando a garotinha enquanto falo com Carol rezando para que ela tenha uma ideia melhor do que a minha para acalmar minha filha.

— O que ela tem? — Ela retira o cobertor do rosto de Sarah e só então noto que suas bochechas voltaram a ficar vermelhas como pimentão.

— Ela está enjoada desde que acordou, justo hoje Benjamin tinha uma avaliação com a terapeuta e eu prometi a Monique que cuidaria dela, mas agora ela não para de chorar e eu não sei mais o que fazer.

Carol estende os braços e me sinto aliviado por não estar mais sozinho.

— Vem cá, meu benzinho... — Carol sussurra apoiando o rosto de Sarah em seu ombro. — O que você tem, meu amor? Conta para a titia. — Ela segura meu braço como se tentasse me acalmar. — Vá se esquentar na lareira, Alan, você está gelado.

Faço o que ela pede e noto que estou de camiseta e descalço, sento na cadeira ao lado da lareira e retiro o celular do bolso, aperto o botão verde e ouço a ligação cair sem nem ao menos tocar. Inclino-me para a frente e enfio as mãos nos cabelos sem saber o que fazer.

— Ela está queimando de febre, Alan, o que vocês dão para ela? — Carol pergunta, ergo a cabeça e olho para ela sem saber o que responder.

— Eu não sei, é sempre a Monique quem cuida deles quando estão doentes, eu... — Olho para o celular mais uma vez e sinto o desespero me dominar.

— Ela não atende? — ela pergunta.

— Não, e eu tô ficando preocupado.

— Não fica não, ela deve estar sem bateria.

— Tem carregador no carro, Caroline — digo sabendo que evitei essa resposta durante toda a manhã.

— Já está ficando tarde. — Olho pela janela, a nevasca teima em cair incessantemente, para meu desespero.

— Ela deve estar abrigada em algum lugar, esperando a nevasca acabar — Caroline continua falando, tentando me acalmar e eu não sei se quero acreditar nela, tenho medo de me agarrar a uma suposição, e se não for isso, e se algo aconteceu?

Deus... Deus... por favor, não.

— Eu preciso ir atrás dela. — Levanto-me e vou até Carol. — Você pode ficar com a Sarah?

— Claro que posso, mas não posso deixar você sair assim, Alan, olha seu estado. — Ela aponta para mim como se eu não soubesse como estou me sentindo.

Desesperado não chega nem perto de definir o que estou sentindo.

— Eu não posso ficar aqui, ver a noite chegar, a temperatura cair e minha esposa e meu filho lá fora.

— Espera um pouco, Gabe está quase chegando.

— Não posso esperar mais.

— Ele não vai te perdoar se você sair sem ele, você sabe disso.

— Quanto tempo você acha que ele demoraria para ir atrás de você se algo parecido acontecesse? — pergunto porque sei que Caroline sabe a resposta.

Se existe no mundo um cara mais protetor do que Gabriel eu desconheço, ele jamais deixaria sua noiva sair de casa em uma tempestade como essa, ele jamais deixaria que ela corresse esse risco.

Apoio minha cabeça na porta sentindo-me o pior homem do mundo.

E se algo aconteceu com eles? Como eu vou sobreviver sem a minha Caramelo e sem o meu filho. Meu Deus... e se Ben estiver ferido? E se ele estiver com medo?

Balanço minha cabeça afastando os pensamentos ruins e abro a porta decidido a sair em busca da minha esposa.

— Alan! — Carol me chama e me viro para olhar para ela.

— Por favor... só mais um pouco. É perigoso sair assim sozinho, você está nervoso, não é uma boa combinação. — Ela acomoda Sarah melhor em seus braços e me pergunto por que eles ainda não tiveram

um bebê, Carol sempre ajuda Monique com os cuidados com Sarah e é nítido o quanto ela quer um.

— Eu não posso, cuida dela pra mim?

Carol balança a cabeça e acaricia os cabelos de Sarah.

— Manda notícias. Por favor.

— Pode deixar.

— Se cuida...

Saio em direção à minha casa, entro correndo, pego o casaco no armário do hall de entrada, minhas chaves na mesa e saio rapidamente, olhando o celular a cada segundo à espera de uma notícia. Boa de preferência.

Estou prestes a entrar no carro quando ouço uma voz familiar atrás de mim.

— Mas que porra você acha que está fazendo?

Olho para a porta da garagem e encontro Gabriel parado, de braços cruzados e uma carranca enquanto me observa entrar no carro sem responder. Ele se aproxima e segura a porta aberta.

— Sai daí, deixa que eu dirijo.

Faço o que ele pede, aliviado por saber que tenho um amigo que não me julga; ao contrário, ele está comigo em todos os momentos, sempre foi assim.

— Obrigado — digo quando ele sai da garagem sem dizer mais nada.

— Por onde devemos começar?



Capítulo 3

Uma hora depois estamos parados em um posto de gasolina, Gabriel está no mais absoluto silêncio e eu estou prestes a enlouquecer, já escureceu e de acordo com a rádio local já há notícias de engavetamentos nas estradas por conta do mau tempo.

— Onde eles estão? — Inclino-me para frente do assento do carro, abraçando meu corpo e tentando manter uma calma que não existe mais.

Olho mais uma vez para o celular e Gabriel faz o mesmo olhando para o seu.

— Deve ter acontecido alguma coisa, acho que devemos começar a procurar nos hospitais — digo e não consigo acreditar que estou vivendo esse momento.

— O caralho que vamos, ainda não cobrimos nem a metade das estradas, vamos olhar mais um pouco — Gabriel diz olhando um mapa estendido à sua frente.

— Gabriel, eu não sei se vou suportar, eu não quero...

Meu amigo tira os olhos do mapa e me encara, o olhar compreensivo, preocupado de quem sabe o que estou sentindo, afinal de contas somos uma família, mesmo antes de nos mudarmos para tão longe de casa, mas agora somos tudo o que o outro tem aqui nesse país.

— Você não está sozinho, cara. — Ele apoia a mão em meu ombro em um aperto firme. — Eu nunca vou deixar você sozinho, mesmo que eu tenha certeza de que eles estão bem.

— Valeu!

Voltamos a estrada e meia hora depois estamos exaustos e sem esperanças, Gabriel para em um posto policial e não consigo descer, apenas observo ele conversando com os policiais e meu estômago revira quando vejo o guarda balançando a cabeça.

Não... não... não...

Fecho os olhos como um garoto assustado, tenho medo de ver o que eles estão conversando, tenho medo de ver o rosto de Gabriel, porque se algo ruim aconteceu eu vou saber no momento em que ele entrar no carro. Ouço a porta se abrir, sinto o carro se mover quando ele senta ao meu lado e tenho que me conter para não fechar os ouvidos, não quero ouvir... não quero ouvir...

— Houve um acidente mais cedo dez quilômetros à frente, o guarda me deu o nome do hospital para onde as vítimas foram levadas.

— Ah, meu Deus... — Cubro meu rosto com as mãos, incapaz de acreditar que Monique e Ben estejam entre as vítimas. — Meu Deus, não! Por favor, não...

— Calma, cara, vamos lá ver, ainda pode ser apenas um engano.



Assim que chegamos ao hospital vemos uma multidão de pessoas amontoadas na recepção, todos aflitos, alguns chorando e outros no celular, eu tenho dificuldades em caminhar, não por causa das pessoas, mas porque não consigo sentir o meu corpo.

Como pode uma vida mudar tão de repente? Como pode alguém deixar de ser o homem mais feliz do mundo para se tornar o mais miserável de todos eles?

— Alan? — Ouço Gabriel me chamando e olho para ele. — Você vai ficar aqui, eu vou tentar encontrar alguma informação lá na frente, okay?

Balanço a cabeça confirmando e me apoio na parede olhando para um casal de senhores que ouvem o que um médico diz a eles. A senhora treme, assim como suas mãos e seus lábios e tenho certeza de que eles não estão ouvindo nem uma letra do que o homem diz.

Olho para o outro lado e vejo uma garota chorando, ela está sentada no chão, os joelhos levantados e as mãos cravadas nas pernas, como se estivesse sentindo algum tipo de dor. Talvez esteja.

Desvio o olhar, não quero imaginar o que a faz chorar, olho para a direção de onde Gabriel foi, avisto meu amigo conversando com uma jovem, ela gesticula e aponta para o corredor, Gabriel agradece e vem até mim. Pela forma como ele caminha, o mancar leve em sua perna mais evidente, as mãos nos bolsos da

calça e o olhar baixo, sei que meu pesadelo está mais perto de se tornar real.

— Alan tem uma mulher e um garoto na sala de cirurgia, eles não sabem informar quem são, precisamos ir lá dentro onde estão os parentes dos mais graves.

Apoio as mãos no rosto, de repente o ar parece ter sumido e não consigo respirar, Gabriel parece notar e coloca a mão no meu ombro.

— Vamos lá, cara, seja forte, sua família precisa de você.

— Meu filho...

— Ainda não temos certeza, é só uma hipótese, eles podem estar bem.

Nego com a cabeça porque estou exausto demais para acreditar em mais alguma coisa e Gabriel me segura pelo braço arrastando-me consigo para seja lá onde for, olho mais uma vez para a garota devastada e me pergunto se eu serei o próximo a ficar assim.

Deus... não, por favor...

— Precisamos passar — Gabriel diz para uma mulher que olha para nós e hesita um pouco. — Precisamos reconhecer nossos parentes, a esposa e filho dele. — A mulher olha para mim e tenho a certeza de que já estou devastado porque ela abre a porta imediatamente em seguida.

O corredor onde somos indicados para ir está abarrotado de pessoas, há dois médicos, um em cada canto conversando com as pessoas, eles parecem exaustos e falam pausadamente como se precisassem ter a certeza de que as pessoas estão compreendendo o que dizem. Gabriel continua me arrastando consigo e a cada passo que damos sinto minha garganta fechar um pouco mais.

— Espera. — Puxo meu braço e paro de andar. — Eu preciso de um tempo. — Apoio-me à parede e preciso me esforçar para não desabar ali mesmo. — Eu só preciso de um instante antes de ir até lá.

Gabriel para ao meu lado e espera em silêncio enquanto eu tento respirar.

— Quer que eu vá lá?

— Por favor, eu não consigo.

Gabriel assente e sai desviando das pessoas até chegar a um dos médicos. O tempo passa, sinto como se estivesse sendo arrastado para uma outra dimensão, um lugar neutro onde estou adormecido, não sinto nada, nem medo e nem dor, apenas existo.

Lembro-me da noite passada, de como ela estava feliz dançando na cozinha, de como ela brigou comigo porque queimou o doce por minha causa, lembro de beijá-la e de pedir desculpas e da forma como ela tentou parecer brava, mas ainda estava corada por conta do que estávamos fazendo minutos antes.

E se foi a última vez? E se essa for a última vez que fizemos amor? Não me lembro se eu disse que a amava, não me lembro de ter sido gentil, ou se me preocupei com o seu prazer, eu apenas me lembro do

quanto eu estava com saudades.

E ainda estou.

O tempo passa...

Minha vida inteira passa por minha mente, nosso primeiro beijo, a noite em que perdemos a virgindade, todas as nossas promessas de amor, olho para minha cicatriz, o nosso pacto, nossa promessa de que um dia estaríamos juntos, não importa o que houvesse, e eu ainda sinto o mesmo amor intenso e insano que sentia por aquela garotinha, eu ainda a amo tanto e não consigo me imaginar longe dela. Ainda não, por favor, meu Deus, ainda não.

Começo a implorar, peço a Deus que não a tire de mim quando tenho a impressão de ouvir o meu nome.

— Alan... — Gabriel está de volta. — Acho que encontramos Monique e Ben.



O hospital parece um labirinto, entramos em portas e extensos corredores; à medida que caminhamos, a quantidade de pessoas diminui e não sei se isso é bom ou ruim, estou em silêncio, incapaz de dizer uma só palavra, apenas sigo atrás de Gabriel e da enfermeira que nos leva para sabe-se Deus onde.

— O garoto estava agitado demais, ele chamava pelo pai e não havia nada que o acalmasse, então demos um ansiolítico para que ele pudesse descansar um pouco.

A mulher abre a porta de um quarto e avisto meu filho, deitado em uma cama, adormecido, que tem alguns arranhões no rosto e um curativo no queixo, me aproximo e acaricio seus cabelos.

— Benjamin. Meu menino... — Abaixo a cabeça em sua barriga e choro aliviado e agradecido por ele estar bem. — Graças a Deus, nós o achamos.

— Ele está bem, mas o senhor poderá conversar com o médico depois e esclarecer qualquer dúvida.

— Obrigado — agradeço enquanto analiso Benjamin e tento me convencer de que ele está bem.

— Onde está a mãe? — Gabriel pergunta. — Por que ela não está aqui com ele?

— A mulher precisou fazer alguns exames, mas ela já está sendo trazida para o quarto.

Puxo uma cadeira e sento ao lado de Ben, não vejo a hora passar, apenas observo meu garoto dormir e a cada subir e descer do seu peito eu sinto que sou um homem de sorte. Ele poderia estar morto a essa hora.

— Senhor — a enfermeira chama algum tempo depois, Gabriel está dormindo no canto do quarto e quando ele ouve a voz da mulher se levanta como se já estivesse à sua espera. — Quem é o marido?

— Sou eu. — Levanto e vou até ela.

— Preciso que me acompanhe.

Sigo a enfermeira até o andar de cima, ela não diz nada e fico tentado a perguntar, ela me leva até um quarto e quando abre a porta sinto como se um peso fosse tirado de cima do meu peito ao ver a minha Caramelo deitada na cama. Quando ela me vê, um sorriso enorme surge em seus lábios e sorrio de volta, porque seu sorriso é como o sol aquecendo meu peito e aliviando meu coração.

— O médico vem falar com vocês em breve — a enfermeira diz antes de sair e agradeço.

— Meu Deus, Monique! — Aproximo-me e a abraço puxando-a para junto de mim. — Eu tive tanto medo — afirmo enquanto a beijo no rosto, nos cabelos, na testa e, por fim, nos lábios. — Eu achei que tinha te perdido. — Começo a chorar e Monique tenta me acalmar.

Droga! Deveria ser eu a acalmá-la.

— Eu também tive tanto medo — ela diz com a voz embargada. — Quando vi Ben desmaiado, eu achei que... — ela começa a chorar e me sento ao seu lado acariciando seus cabelos e afagando suas costas.

— Está tudo bem, meu amor, ele está ótimo, eu estava com ele agora mesmo.

Ela confirma com a cabeça e seca as lágrimas.

— O médico me disse.

— Vocês estão bem, a enfermeira disse que foi apenas um susto.

Monique começa a me contar como aconteceu o acidente.

— Foi tão rápido, em um momento estávamos bem e no outro havia dezenas de carros um por cima do outro e não sei como tudo aconteceu — ela diz ainda bastante assustada e tudo o que eu consigo fazer é agradecer por ela estar aqui, com um olho arroxado, um braço imobilizado e alguns arranhões. Mas viva.

— Já passou, amor, agora está tudo bem. Logo o médico vai te liberar e estaremos em casa. Está tudo bem agora.

Como se ouvisse minhas palavras, a porta se abre e um médico entra com um prontuário nas mãos.

— Boa noite — ele diz e fecha a porta. — Como você está se sentindo? — ele pergunta para Monique.

— Um pouco assustada, mas estou bem. Quando vou poder ir para casa? — Monique pergunta para o homem que está lendo algo no prontuário.

— Acho que vou querer que você passe a noite aqui.

— Por quê? — pergunto preocupado. — Ela não está bem?

— Ela está ótima — o médico diz agora olhando para minha esposa com um sorriso enorme nos lábios que eu não consigo compreender. — Eu só quero ter certeza de que o bebê também está.

— Benjamin? — pergunto sem compreender por que ele está chamando-o de bebê.

— Não, o garotinho está de alta. Assim que ele acordar, você poderá levá-lo para casa.

— Desculpa, doutor, eu não entendi — Monique diz com um sorriso nervoso nos lábios. — De que bebê o senhor está falando?

— Do que vocês estão esperando. — Ele finalmente olha para mim. — Meus parabéns, sua esposa está grávida.



Capítulo 4

Já passa da meia-noite, a neve ainda cai lá fora, deixando a paisagem impressionantemente bela, as luzes de Natal iluminam as casas vizinhas e se eu prestar muita atenção quase posso ouvir as músicas natalinas tocando em algum lugar ao longe. A rua está deserta, mas as casas estão acesas, indicando que as famílias estão em casa aquecidas, unidas, protegidas. Exatamente como deve ser.

Olho para a minha cama, Monique dorme tranquilamente, Sarah está aninhada de um lado e Benjamin segura a sua mão do outro. Lembro-me do dia em que a compramos, Monique quis a maior de todas e quando eu perguntei o porquê, ela respondeu: “Para que todos nós caibamos nela”.

Naquele dia, eu não compreendi o motivo, mas hoje, enquanto estou sentado observando minha família adormecida, em segurança, aquecidos e protegidos, consigo entender o que ela quis dizer.

Levanto e vou até a cozinha, ligo a cafeteira e me apoio na bancada aguardando o café ficar pronto.

— Como eles estão? — César entra coçando os olhos e se apoiando ao meu lado na bancada. Ele chegou na noite passada, assim que soube o que aconteceu.

— Dormindo — respondo sem conseguir acreditar que eles estão mesmo aqui, dormindo.

— E você?

— Acho que vou ficar bem, assim que a ficha cair.

— Mais um filho? Vocês não acham que estão exagerando?

César brinca enquanto pega duas xícaras e as enche de café entregando uma para mim.

— Eu acho. — Tomo um gole do café amargo e olho para o rapaz ao meu lado, que sorri. — Mas quer saber? Eu gostei.

— Eu sei, tua cara de pai babão não nega. — César termina de tomar o café e coloca o copo na pia. — Eu também estou, acho que essa família precisava de mais uma criança, Monique sempre quis ter muitos filhos, acho que é uma forma dela suprir a falta que a nossa mãe fez para ela.

Wanda morreu há pouco mais de um ano, Monique ficou arrasada, mas de uma forma tranquila, elas nunca foram próximas e nos últimos anos a situação de Wanda tornou a aproximação de Monique praticamente impossível. Fiz tudo o que pude pela minha esposa; e quando não havia mais nada a fazer eu a consolei, como um bom companheiro deve fazer.

— Eu também acho, e se a minha Caramelo está feliz, então eu também estou.

Termino de tomar o café e subimos juntos, me despeço de César e entro no quarto onde meus filhos dormem ao lado da mãe, retiro a camiseta e me aproximo deitando ao lado de Ben e estendo a mão para tocar a barriga de Monique pela primeira vez desde que descobrimos a gravidez. Ela parece sentir meu toque e abre os olhos levemente.

— Oi — ela diz baixinho.

— Como você está se sentindo? — pergunto ainda acariciando a sua barriga.

— Grávida — ela brinca e sorrio.

— Isso é bom, continue assim pelos próximos sete meses.

— Pode deixar, senhor. — Ela coloca a sua mão em cima da minha e ficamos um instante apenas nos olhando. — Como vamos fazer com mais um bebê? — ela pergunta me olhando assustada como se finalmente houvesse se dado conta da nossa nova realidade.

— Vamos fazer o que estamos fazendo, vamos amá-lo e dar o nosso melhor como pais.

— Vamos ficar bem, não é?

— Desde que continuemos assim vamos ficar bem.

Ela baixa o olhar para nossas mãos unidas, seu polegar acaricia as costas da minha mão, o calor do seu contato me faz crer que tudo vai ficar bem e que eu sou um filho da mãe de muita sorte por ter ela ao meu lado.

— Eu te amo — digo para ela enquanto estico meu braço e toco a mãozinha de Sarah aliviado por ela estar bem.

— Isso é bom. — Monique sorri e sussurra quando Sarah ameaça se mexer. — Continue assim pelos

próximos cinquenta anos.

— Pode deixar, senhora — repito sua resposta e Ben se mexe ao meu lado passando uma perna por cima de mim.

— Acho que você tinha razão — sussurro para minha esposa enquanto abraço meu filho. — Comprar essa cama foi a melhor coisa que fizemos na vida.

— Eu sempre tenho razão — ela diz e fecho meus olhos sentindo uma sensação de paz que só conhece um homem que adormece na ponta da cama, sendo chutado a noite inteira, dividindo sua esposa e sabendo que vai acordar ainda mais cansado do que quando deitou, mas que mesmo assim sabe que é o homem mais sortudo do mundo.

MEU MUNDO



*E você sabe como eu me sinto
É um novo entardecer é um novo dia e é uma nova vida para mim
E eu estou me sentindo bem
Feling Good - Muse*



Capítulo 1

GABRIEL & CAROL

Está frio pra cacete! E estou de péssimo humor.

Odeio o frio, odeio ter que sair de casa no frio e odeio tirar neve da frente da nossa casa, por causa da porra do frio!

— E aí, caiu da cama? — Alan pergunta enquanto bate a porta do carro e abre o porta-malas retirando um saco de sal.

— Caroline arrastou a minha bunda até aqui.

Aponto para a calçada coberta de neve para o caso dele não ter percebido ainda. Meu melhor amigo sorri e fecha o porta-malas acionando o alarme enquanto caminha em direção à sua casa, ou melhor, na sua casa nos últimos dezoito meses.

Quando meu pai disse que havia uma chance de fecharmos uma parceria com um grande escritório de arquitetura aqui nos Estados Unidos, eu disse que não viria, nem fodendo eu passaria um ano da minha vida congelando a minha bunda nessa cidade, que mais parece um freezer. E já se passaram dezoito meses.

Mas, como eu já deveria saber, minha opinião não serve de muita coisa, Alan viu nessa oportunidade uma chance de trazer Benjamin para tentar novas terapias, Monique e Caroline se tornaram as melhores amigas do mundo (que Verônica nunca saiba) e começaram a pesquisar juntas desde pratos e copos até

mesmo a cama onde durmo desde então.

E o que me restou fazer? Aceitar que seria bom para mim, novos ares, uma cidade nova, longe de tudo o que vivi nos últimos anos... bobagem, tudo bobagem, mas eu vim e quer saber? Eu iria para a porra do Alaska se fosse o que ela me pedisse, porque pode passar mil anos, mas eu ainda continuo maluco por essa mulher e sei que sempre serei assim.

Deve ser alguma maldição dos homens da família Smith, mas quem se importa? Eu não.

— Bom dia, Alan! — ela fala enrolada em um roupão que cabe mais duas dela dentro, apoiada na porta de vidro, segurando uma xícara nas mãos. Suas bochechas estão rosadas por causa do frio.

— Bom dia, Carol. — Alan acena com a mão livre enquanto se aproxima da entrada de sua casa.

— Como a Sarah passou a noite? — Carol pergunta.

— Ela teve um pouco de febre, mas agora está bem melhor.

Sarah, a garotinha do meu amigo, não está tendo uma semana boa, ela teve uma gripe que piorou, deixando Alan e Monique de cabelos em pé. Ela é uma menininha incrível, muito mais do que uma garotinha de dois anos poderia ser, sou louco por ela, mesmo que não consiga demonstrar muito, algumas coisas não mudam, uma delas é meu problema com sentimentos. Acho que eu consigo compreender muito bem seu irmão Benjamin, sentimentos é uma coisa complicada.

Estamos todos apreensivos com a sua saúde, no fim das contas Monique tem que nos tranquilizar o tempo todo dizendo que é normal, como se nós fôssemos os pais e não eles.

— Diga a Monique que mais tarde eu vou dar uma ajuda com as crianças.

Alan agradece e entra, ouço o chorinho manhoso de Sarah enquanto caminho em direção a Carol e sinto meu coração apertar de preocupação. Ainda não nos recuperamos do susto que levamos semana passada quando Monique e Benjamin sofreram um acidente que poderia muito bem ter sido fatal, Alan ainda não consegue ver nenhuma notícia sobre o que os jornais estão chamando de “o maior engavetamento da história da cidade”.

Eu o compreendo, se fosse eu acho que ainda não conseguiria deixar Carol levantar da cama, principalmente agora que eles descobriram que está vindo mais um bebê por aí. Deus tenha misericórdia do meu amigo.

— Você acha que ela vai ficar bem? — pergunto a Carol quando me aproximo. Carol me entrega a xícara e abre a porta para que eu entre.

— Eu tenho certeza que sim — ela diz como se fosse normal uma garotinha como a Sarah ficar doente. Tudo bem, deve mesmo ser normal, mas eu não suporto vê-la chorar, me rasga por dentro e me sinto um inútil por não ser capaz de ajudá-la.

— Eu acho que ela deveria estar no hospital, essa febre não pode ser coisa boa.

— É só uma gripe, amor. — Carol retira alguns flocos de neve do meu cabelo e se estica para me

beijar. — Não fique tão apreensivo.

— Ela é nossa afilhada, eu tenho a obrigação de ficar preocupado.

— Mas eu estou dizendo que é só uma gripe.

Sento no sofá e apoio meus pés na mesa à minha frente, Carol se senta no meu colo e deita a cabeça em meu peito.

— Clara me ligou — ela diz enquanto acaricia a minha pele com a ponta dos seus dedos.

— O que ela disse?

— Que chegarão no dia 24 à tarde, teremos uma ceia de Natal em família, não é o máximo?

— Penha vem também?

— Ela está tentando convencê-la — Carol diz e sinto que devo intervir, faço uma anotação mental para ligar para o Brasil amanhã e tentar convencer Penha a passar o Natal conosco, afinal de contas ela faz parte da família,

— Amor — Carol me chama ainda deitada em meu peito.

— Oi.

— Hoje é a apresentação de Benjamin, e Sarah vai dormir aqui conosco.

— Tudo bem, você quer que eu durma na sala?

— Não, cabe nós três na cama.

Ela levanta o rosto e me beija, fecho os olhos e me entrego a sensação inebriante que sinto quando seus lábios tocam os meus. É meu vício, minha perdição e minha salvação.

— Preciso me trocar, tenho aula em uma hora.

Ela se levanta e sobe correndo para o quarto, Carol está fazendo pós-graduação em autismo e TDAH, sua intenção é integrar o grupo de profissionais dedicados a crianças com essas especificações de baixa renda lá na ONG e eu me encho de orgulho em saber que ela será a melhor psicóloga que já existiu, ela foi capaz de me resgatar do inferno quando tudo o que eu mais queria era me afundar cada vez mais. Ela sempre sabe como agir, como encontrar a forma correta de falar com as pessoas, sua doçura e bondade, sua força e sua capacidade de enxergar o que ninguém vê fazem dela uma mulher única. E eu sou o homem de sorte que teve o privilégio de ser escolhido por ela.

— Gabe! — Carol grita do quarto. — Você vai se atrasar para o trabalho.

Levanto do sofá e olho para a garagem contendo um palavrão quando vejo que a neve voltou a cair.

Putá que pariu, eu odeio essa porra!



Capítulo 2

Assim que paro o carro na garagem de casa, Alan salta como um foguete.

— Merda, Monique vai me matar!

— Você sempre pode colocar a culpa no filho da puta do seu chefe.

— Acredite, eu sempre ponho.

Ele desce andando meio esquisito enquanto pula alguns blocos de neve que separam as nossas casas e saio do carro tentando não parecer um pateta enquanto caminho no piso escorregadio, mas sei que estou exatamente parecendo um idiota, acontece que para mim é mais difícil do que o normal caminhar sem mancar, mas com o acréscimo de um piso eternamente molhado se torna quase impossível.

Assim que chego a porta respiro aliviado por estar em casa, abro a porta e não ouço nada, não há vestígios de Caroline. Coloco minhas coisas sobre a mesa e subo para o nosso quarto atrás dela.

— Linda? — chamo-a da porta, mas ela não responde. Vou até o escritório, as vezes ela passa horas por lá, se perde nas páginas de um livro e acaba não ouvindo minha chegada. Humilhante eu sei, sempre sou trocado por homens de papel que nunca existirão, já me conformei com isso. — Carol? — Abro a porta do quarto de bagunça como costumo chamar, é o lugar onde guardamos o que não sabemos onde pôr, onde rabisco paredes quando preciso relaxar e onde Carol traz Sarah quando ela começa a ficar muito agitada. E como imaginei, elas estão lá.

Carol está sentada em uma poltrona no canto do quarto, Sarah está sentada em seu colo, a cabeça deitada em seu peito, os olhos fechando e abrindo devagar enquanto Carol lê um livro para ela. É como ver uma obra de arte em meio ao caos. Se eu pudesse materializar exatamente como sou por dentro, essa seria a imagem, uma porção de rabiscos, desenhos aleatórios, dúvidas e medos e no meio de tudo elas, minha linda e nossa afilhada.

— Oi — ela diz quando nota que estou olhando para elas.

— Pode continuar — falo baixinho para não chamar a atenção de Sarah. — Ela está quase dormindo.

— Tudo bem. — Ela me joga um beijo e volta a ler o livro, fecho a porta e vou para o nosso quarto tomar um banho.

Depois do banho, desço e decido ariscar e fazer alguma coisa para comer, ainda sou péssimo na cozinha, mas Carol me ensinou a usar o forno e ao menos isso eu sei fazer. Coloco uma lasanha congelada para aquecer e estou pondo os pratos na mesa quando sinto mãos femininas acariciando meu peito.

— Você não tem vergonha de assediar um homem com as mãos ocupadas? — Mostro os pratos para ela, que ri e continua me provocando. Descendo... descendo...

— Eu não, desde que esse homem seja meu. — Ela morde meu ombro e se afasta para pegar os copos me deixando em uma situação constrangedora.

— Ei, volte aqui, ainda não terminamos de conversar! — chamo-a, mas Carol me olha com aquele seu jeito provocante e sei que vou ficar na mão. Literalmente.

Estamos juntos há quase dez anos! Deus... eu nem imaginava que estaria vivo em dez anos e aqui estou eu, cozinhando, tudo bem que é uma lasanha congelada, mas mesmo assim, sou um homem casado, embora não tenhamos oficializado é assim que me sinto, sou dela, de corpo e alma, uma promessa do meu coração para a única mulher que quero ao meu lado até o fim da minha vida.

— O que teremos para o jantar? — Ela abre a geladeira e pega uma garrafa de suco de uva e coloca na mesa.

— A especialidade do chef — respondo quando o temporizador informa que a lasanha já está pronta. Retiro a travessa fumegante e coloco na mesa. — Lasanha!

— Eu estava mesmo louca para comer lasanha — ela brinca e se serve de um pedaço.

Comemos em silêncio, a lasanha não chega nem perto de ser gostosa, se for comparada com a da Penha chega a ser um insulto, mas dá para comer e eu estou faminto demais para me importar com isso.

— Como ela está? — pergunto puxando um assunto qualquer, embora eu me sinta mais confortável quando é ela quem quer conversar.

— Está ótima, acho que a gripe está finalmente indo embora — ela responde e volta para o seu casulo e, pela primeira vez, percebo o quanto deve ser difícil ser a pessoa que sempre puxa assunto.

Carol remexe a massa de um lado para o outro no prato e noto que ela está pensativa demais e isso me

incomoda.

— O que foi, linda? Errei no sal? — brinco um pouco, ela sorri e olha para mim como se não quisesse me chatear. — Pode falar, eu aguento.

— Gabe, eu quero um bebê — ela diz, sem rodeios, sem me preparar. Direta e objetiva. Até demais para o meu gosto.

Baixo o garfo que estava no meio do caminho até a minha boca e preciso engolir o caroço que parece surgir em minha garganta. É a primeira vez que falamos sobre isso, desde que tudo aconteceu, dois anos atrás, e mesmo assim sinto que ainda não é o momento.

Carol engravidou, não foi planejado nem nada, para dizer a verdade foi um puta susto, mas ela ficou tão feliz que eu acabei curtindo. Duas semanas depois que ela descobriu que estava grávida perdeu o bebê, de acordo com o médico foi algo natural, acontece. Mas para mim não foi nada normal, não é normal ver sua garota chorando daquele jeito. Carol ficou arrasada, chorou por três dias seguidos e eu não tinha a menor ideia do que fazer para consolar minha mulher, eu apenas me deitei ao seu lado e aguardei até que ela estivesse pronta para levantar.

Ela levantou, parou de chorar, respondeu as perguntas de quem já sabia sobre o bebê e eu não consegui falar nada, porque, no fundo, eu me senti aliviado. Não que eu não quisesse o bebê, não é isso, eu amo a Sarah, meu Deus, eu a amo como se ela fosse minha, mas eu não me sinto digno de ter um bebê e, no fundo do meu coração, eu sei que Deus também sabe que eu não sou, a prova disso é que ele desfez o mal-entendido e me tirou o bebê que ele havia me dado.

— Nós temos a Sarah.

— Ela não é nossa, Gabe.

— Ela é sim, nós a temos sempre conosco, nós a amamos e fazemos tudo por ela, eu sinto como se ela fosse nossa.

— Mas não é, ela tem um pai e uma mãe, ela tem uma família e nós não somos a sua família.

— Carol... — começo a falar, mas ela ergue a mão me interrompendo.

— Eu sei, você não quer um bebê, mas eu gostaria muito que você repensasse.

— Podemos falar sobre isso mais tarde? — Tento protelar a conversa, mas eu sei que não vou conseguir.

— Mais tarde quando? Amanhã? Daqui a um ano? Eu tenho quase trinta anos, Gabe, meu relógio biológico está correndo, logo estarei velha demais para ser mãe e parece que todos a minha volta estão construindo uma família, só a gente que...

— Que não constrói nada — finalizo a sua frase e sinto meu peito apertar quando percebo que ela não é feliz. Porra! Ela não está feliz ao meu lado e, mais uma vez, a culpa é minha, eu não consigo ser capaz de fazê-la feliz.

— Não era isso que eu queria dizer. — Ela baixa a cabeça e suspira como se estivesse cansada demais para continuar a falar.

— O que era então? — pergunto me sentindo ofendido por ela achar que sou tão idiota que não consigo compreender que ela está infeliz.

— Deixa pra lá. — Ela larga os talheres e a lasanha quase intacta e se levanta indo para a sala.

Baixo a cabeça e esfrego o rosto nas mãos porque eu simplesmente odeio brigar com ela, mas dessa vez não vou ceder, não consigo fazer isso, nem mesmo por ela.

Ouçoo o barulho da TV sendo ligada e levanto retirando os pratos e copos da mesa e colocando-os na lava-louças, termino de arrumar a cozinha e vou até a sala, Carol está sentada na sua poltrona favorita, ao lado da lareira, encolhida, com as pernas próximas ao peito e o queixo apoiado nos joelhos, ela olha para as chamas sem se importar com o que está passando na televisão.

Está passando um jornal local e o assunto gira em torno da neve e a previsão do tempo. Fico um tempo apoiado no batente da porta, as mãos enterradas nos bolsos enquanto eu tento pensar em algo decente que eu possa dizer para ela que não a deixe ainda mais chateada, mas sinto como se todos os meus neurônios tivessem fugido no momento em que começamos a conversar, porque não consigo pensar em absolutamente nada que possa ser considerado útil.

— Caroline — eu a chamo e ela se vira para mim. — Eu não quero brigar com você — digo porque é a mais pura verdade.

— Conversar sobre isso é brigar, Gabriel?

— Você sabe que sim.

— Então não fale comigo.

Ela volta a olhar para a lareira e entro definitivamente na sala e me ajoelho na sua frente.

— Linda — eu a chamo, mas dessa vez ela não me olha.

— Não me chame de linda, estou furiosa com você.

— Carol, por favor, você viu no que deu da última vez, não quero te ver chorando por três dias mais uma vez. Não vou suportar passar por isso novamente — admito e a forma como ela me olha diz que nem sempre a verdade é uma boa opção.

— Por que você acha que haveria uma segunda vez?

— Porque eu sinto.

— Você acha que eu tenho algum defeito? — Sua voz soa magoada e eu me odeio por não saber conversar com ela.

— Não, lin... Carol! — Fecho minhas mãos em volta de seus tornozelos. — Você é perfeita, eu não

tenho nenhuma dúvida sobre isso.

— Então o que... — ela para de falar e noto quando ela finalmente compreende onde quero chegar, ela balança a cabeça negando o pensamento que se forma em sua mente e apoio minha testa em suas pernas porque é doloroso demais ver a forma como ela me olha. — Você acha que... — Ela coloca as duas mãos na frente da boca. — Você acha que o problema é você?

Não respondo, não consigo admitir isso em voz alta, mas a verdade é que eu sei que eu sou o culpado, foi por minha causa que ela perdeu o bebê, todas as merdas que fiz na minha vida cobraram o seu preço e ele foi alto demais para que eu possa suportar passar por isso mais uma vez. Eu não posso fazer isso com ela.

— É isso, Gabriel? — ela exige. — Você acha que eu perdi o bebê por sua causa? Você ouviu os médicos dizerem que isso é normal, acontece com milhares de casais todos os dias, nós dois fomos apenas mais um.

— Você realmente acredita nisso? — pergunto e quando ela confirma com a cabeça me sinto doente. — Eu vou te perguntar mais uma vez. Você acredita nisso?

— É claro que acredito.

— Não minta para mim, Carol, eu vi você pesquisando sobre dependência química e gravidez.

— E não achei nada que se encaixasse no nosso caso — ela diz com a tranquilidade de quem acredita mesmo nisso, o fato é que eu também pesquisei, além disso, eu conversei com especialistas em fertilização, eu sei os riscos que eu represento como pai e não estou disposto a corrê-los.

Levanto-me e caminho até o outro lado da sala, olho pela janela e noto que já é tarde, as luzes de Natal já estão enfeitando a rua em uma falsa alegria natalina, como se tudo a sua volta fosse perfeito, como em um conto de Natal.

O que é a porra de uma mentira!

— Você sabia que filhos de viciados têm mais chances de se tornarem viciados quando crescerem.

— Gabriel, não comece.

— Você sabia que usuários e ex-usuários têm maiores chances de produzirem espermatozoides defeituosos?

— Para, Gabriel!

— Você sabia que bebês crescem? Que um dia, eles começam a fazer perguntas? — Olho para Carol, mas ela não olha para mim, sua cabeça está baixa e suas mãos estão espalmadas nos ouvidos como se ela não suportasse ouvir a verdade. Mas eu preciso falar, preciso que ela saiba que não vivemos na porra de um conto de fadas.

Isso aqui é a vida real, e na vida real os caras fodidos não tem finais felizes, nunca!

— Como você pensa em explicar para o nosso filho sobre isso aqui? — Aponto para a minha perna

fodida. — Me diz como? Porque eu já imaginei um milhão de formas de contar a ele sem dizer a verdade, um milhão de mentiras diferentes.

— Existem maneiras de se contar, não precisa mentir.

— Ah, não? Então me diz como você vai explicar para seu filho que seu pai era um filho da puta de um viciado, que quase morreu por causa de um traficante de merda.

— Eu diria que o pai dele foi ferido tentando salvar uma pessoa, porque essa é a verdade.

— Essa é a sua verdade, porque você sempre olha o lado bom das coisas, Caroline, mas eu sei a verdade e não terei coragem de olhar nos olhos do meu filho sabendo que não fui um homem digno.

— Não tenho vergonha da nossa história, Gabriel.

— Mas eu tenho! — grito e bato o punho no meu joelho. — Eu morro de vergonha da porra da minha história, e se depender de mim não vou passar essa merda desse gene ruim para uma pobre criança que não tem culpa de nada, eu já fodi demais com a vida das pessoas que amo, não tenho o direito de foder com mais ninguém.

Viro-me de costas, incapaz de continuar olhando para ela depois de dizer tudo isso, porque dói, mesmo que no fundo eu saiba que ela também já sabia, expor meus fantasmas dói demais, mais do que eu posso suportar.

— Então é isso? — ela pergunta, sua voz suave fazendo com que a vergonha e a dor aumente dentro de mim. — Você já decidiu o nosso futuro baseado em suposições, você nunca sequer cogitou a possibilidade de vir conversar comigo, você apenas decidiu que nunca teria um filho e ponto.

— Se você tivesse um pouco de juízo também pensaria como eu.

— Se eu pensasse como você, eu não teria aceitado tomar aquele suco com você há nove anos. Se eu pensasse como você, eu jamais ficaria ao seu lado em cada maldita recaída, eu não teria segurado a sua mão quando você teve medo e nem sequer teria cogitado a hipótese de aceitar ser a sua namorada. Se eu pensasse como você, eu teria ouvido as pessoas quando me disseram que você era um erro, que nosso relacionamento jamais daria certo, que uma garota com depressão e um viciado jamais terminariam bem, mas eu não penso como você, Gabriel, e o resultado disso é que hoje estamos aqui, vencemos, mostramos ao mundo que nosso amor não era um erro, que ao reconhecermos as fraquezas um do outro fomos mais pacientes, tivemos mais fé, porque sabíamos que não importa o quanto a tempestade seja ruim, sempre haverá o sol, e sempre fomos o sol um do outro. Então, Gabriel, não, eu não penso como você, graças a Deus.

Suas palavras estão cheias de mágoa, e no fim posso notar que ela está chorando pelo tom da sua voz, não consigo olhar para ela e permaneço encarando a neve que não para de cair, ouço seus passos saindo da sala e, antes que ela suba, eu digo a única verdade absoluta da minha vida:

— Eu te amo.

Ela não responde, nem se mexe, ficamos tanto tempo em silêncio que sou obrigado a me virar para ter certeza de que ela ainda está aqui.

— Infelizmente o amor nem sempre é suficiente, Gabriel.

Ela sai, me deixando sozinho com minhas justificativas que até poucos minutos atrás pareciam tão bem fundamentadas, mas que agora depois de seu discurso me soam como desculpas esfarrapadas. Ela nunca desistiu de nós, mas o que ela não sabe é que eu não sou como ela, eu não tenho nem a metade da coragem que ela tem, luto diariamente para ser um homem bom para ela, mas não sou forte o bastante para dar esse passo.



Capítulo 3

Três dias se passaram desde a nossa última discussão. Três dias em que Caroline mal olha na minha cara e mal nos tocamos, que não dividimos a mesa, nem mesmo perguntamos como foi o dia um do outro, que não sinto o calor do seu olhar nesses malditos dias frios. E que não sinto o sabor do seu beijo.

Três dias em que a neve cai dentro de mim.

Não consigo me concentrar direito no trabalho, nem controlar meu humor que está pior do que o normal, sem contar a maldita dor no pescoço por estar dormindo na sala, algo que nunca fiz desde que decidimos morar juntos.

Três dias em que não sei mais quem eu sou.

Mexo minha cabeça de um lado para o outro tentando diminuir a tensão. Mas é em vão, ela não vai embora enquanto estivermos nessa situação.

— Ei, mano, o que tá pegando? — Alan pergunta enquanto voltamos para casa. — Você anda estranho.

— Eu sou estranho, Alan — respondo e tenho a impressão de que quase rosnei para meu amigo.

— Eu sei, mas você está ainda mais estranho.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Vá se foder, você está quase explodindo, precisa falar e vai ser agora.

Ele desvia o caminho que nos leva para casa e começo a reclamar como um velho rabugento e ranzinza.

— Você está perdendo o seu tempo, não vou ficar lamentando a porra da minha vida para você, como se eu fosse uma velha fofoqueira.

— Não tô nem aí com o que você pensa, vamos conversar e você vai abrir a merda da boca, nem que eu precise esperar a vida inteira para isso.



Alan não precisa esperar a vida inteira para nada, na verdade só foi preciso duas canecas de cerveja que ele tomou, para que eu começasse a falar igual uma velha fofoqueira.

— A Carol quer um bebê.

— Sério! — Alan sorri e falta pouco para passar a mão na própria barriga como se ele estivesse carregando o bebê deles. — Isso é o máximo, cara! Já estava mesmo na hora, quem sabe um filho não melhore a sua cara. Mas onde está o problema?

— Eu não quero filhos.

— Você não quer por que estamos aqui? Bobagem, cara, em alguns meses estaremos voltando para o Brasil, seu bebê não precisa nascer aqui.

— Eu não quero filhos, Alan — repito para que ele compreenda.

— Nunca? — ele pergunta como se fosse o fim do mundo, embora para um cara que já está no bebê de número três deve mesmo ser.

— Nunca.

Alan fica um tempo em silêncio e tenho a impressão de que ele fica até mesmo um pouco magoado e me obrigo a pensar que deve ser algo relacionado ao acidente que Monique teve semana passada.

— Olha, cara, eu vou ser bem sincero com você, ela tem razão em estar chateada. Monique já havia comentado comigo sobre a forma como Carol olha para Sarah.

— Pois é, eu disse para ela que temos a Sarah, mas ela não entende.

— Tua mulher quer um filho teu, cara.

— Eu não tenho nada de bom para oferecer a ela — digo já me sentindo cansado desse assunto.

— Como assim?

— Ela já perdeu um bebê, Alan, e se ela perder outro? — respondo. — E se o bebê nascer com algum problema?

Alan respira fundo como se finalmente começasse a compreender o que digo, ele bebe o restante da sua cerveja e apoia a mão em meu ombro.

— Gabriel, não temos como prever essas coisas. Durante meses, eu fiquei me perguntando por que o Ben nasceu assim, eu não compreendia por que duas pessoas jovens e saudáveis puderam ter um bebê como ele, mas a verdade é que não tem explicação. Benjamin é nosso porque ele tinha que ser, eu o amo da forma como ele é e ser o pai de um garoto especial me fez amadurecer, me fez ver que as minhas dificuldades não são nada diante das dele, e então veio a Sarah e Monique ficou apavorada em ser uma mãe ruim para nossa menininha e agora esse bebê surpresa, que veio como um atropelamento de caminhão passando por cima de tudo; e tem noites que acordo e fico rezando para que ele esteja realmente bem, que o acidente não tenha machucado-o ou sei lá.

Ele passa o dedo na borda do copo como se estivesse organizando seus pensamentos e volta a falar.

— O que eu quero dizer com tudo isso, Gabriel, é que não existe uma forma segura de colocar uma criança no mundo, não tem como você prever se o seu filho nascerá saudável ou se você será o melhor pai para ele, a única coisa que eu posso garantir é que você será uma pessoa melhor depois que tiver um filho, porque não tem nada nesse mundo que se compare ao que você sente ao abraçar um filho.



Quando chegamos em casa já passa das dez da noite, a casa está quieta e sinto os resquícios da nossa briga como chumbo deixando o ar mais pesado, quase insuportável de respirar.

Ainda me lembro a nossa última grande briga, na frente do seu apartamento, tão jovens, tão loucamente apaixonados... o problema é que eu ainda sou loucamente apaixonado por ela, tanto que permito que as palavras de Alan preencham meu cérebro durante toda a noite, enquanto observo a lenha queimar na lareira e decido o que eu realmente quero para a minha vida.



Capítulo 4

CAROL

Meu coração dói de saudade, de tristeza e de amor.

Como pode sentimentos tão diferentes se tornarem um só? Como pode o amor trazer dentro de si facetas tão cruéis e mesmo assim ser considerado o mais importante de todos?

Ouçó o barulho da porta sendo aberta, ouço seus passos na escada, ouço ele entrar no nosso quarto, ouço meu coração batendo no peito e quase tenho a certeza de que ele também ouve.

— Eu estava com Alan, ele precisava... conversar — Gabriel diz e entra no banheiro, permaneço em silêncio, de costas para ele, ouço o som do chuveiro, sinto o cheiro do seu sabonete e a saudade aumenta.

Ele sai do banho, se troca, mas não deita ao meu lado, ao contrário, ele desce, como vem fazendo desde a nossa briga e a cada noite em que passamos longe um do outro sinto que terei que fazer uma escolha e seja lá qual for a minha escolha, estarei perdendo algo que é fundamental para a minha vida.

Eu só ainda não decidi com qual das duas serei capaz de viver sem.



Mais dois dias se passam e Gabriel se torna um fantasma dentro de nossa casa, no sábado ele sai cedo com a desculpa de que vai ajudar Alan a encontrar um presente para Ben. Assim que a porta se fecha levando-o para longe de mim começo a chorar porque sei que ele está mentindo, Alan já comprou o presente dele e Gabriel sabe que eu sei.

Passo a maior parte da manhã arrumando o meu guarda-roupa, depois minha pequena estante de livros, folheio alguns, releio trechos que estão marcados, me recordo de sensações que senti ao ler pela primeira vez, choro, talvez movida pela dor que sinto, ou porque alguns livros nos marcam com tamanha intensidade que ao abri-los é como se resgatássemos as sensações sentidas da primeira vez.

Quando a campainha toca me dou conta que já é quase quatro da tarde e ainda não comi nada o dia inteiro, vou até a porta e me surpreendo ao encontrar Monique e Sarah.

— O que vocês estão fazendo aí fora? Por que não entram logo? — Abro a tela e puxo Monique para dentro, Sarah vem para meu colo e a beijo.

— Eu só precisava conversar um pouco, mas não tinha certeza se... — Ela pisca várias vezes e noto que está tentando não chorar.

— O que houve? Está tudo bem com o bebê? — Toco sua barriga e ela balança a cabeça confirmando.

— É o Alan... — Ela olha para Sarah e faço o mesmo acariciando seus cabelos. — Nós tivemos uma discussão ontem à noite.

— Eu sinto muito, Monique.

— Tudo bem, vai passar, mas eu precisava muito do seu favor.

— Sim, querida, o que foi?

— Hoje é a noite dos pais no grupo de terapia do Ben, eu ainda não posso dirigir e queria saber se você não poderia ir comigo. — Ela me olha com uma cara de cachorro faminto e sou incapaz de dizer não.

— Claro, eu vou sim. Será bom para eu sair um pouco de casa, preciso mesmo me distrair.

Monique se levanta e vem até mim como um foguete.

— Muito obrigada, Carol, você é um amor. — Ela me abraça de um jeito esquisito e me puxa para o meu quarto. — Precisamos escolher um vestido bonito para você.

— Mas por quê? — pergunto sem compreender.

— Porque é uma festa, não queremos ir de qualquer jeito e também porque Gabriel vai morrer de ciúmes quando te vir saindo assim tão bonita.



O fato é que a ideia de Monique não sai muito como ela queria, Gabriel não está em casa quando saímos, ele ainda não voltou, não mandou nenhuma mensagem e estou dividida entre ficar preocupada que algo tenha acontecido com ele ou com ódio por ele estar agindo como um moleque.

— Só preciso pegar o casaco da Sarah e já podemos ir — Monique diz quando entramos na sua garagem. — Você pode esperar um pouquinho?

— Claro.

Alguns minutos depois vejo Sarah andando pelo quintal. Sem compreender como ela foi parar ali a chamo, mas ela não vem até mim, ao contrário, ela corre para o quintal nos fundos da casa. Vou atrás dela, correndo e me xingando por ter colocado um salto. Quem em sã consciência usa salto na neve? No meio do caminho noto lamparinas acesas e avisto Ben como se ele estivesse ali o tempo todo.

— Benjamin, o que você está fazendo aqui? — pergunto quando o alcanço já com Sarah ao seu lado.

— Estava esperando por você. — Ele me estende a mão e mesmo sem entender o que está acontecendo seguro-a e deixo que ele e Sarah me levem para o quintal.

As lamparinas continuam por todo o caminho e me obrigo a tentar lembrar quando Monique as instalou, e quando chegamos ao fundo da casa deles eu fico sem reação, incapaz de conseguir compreender como eles fizeram tudo isso sem que eu visse.

Monique entrega um arranjo nas mãos de Sarah e Ben se afasta dando o lugar para o seu pai, que se aproxima estendendo o seu braço para mim.

— Posso? — ele pergunta com seu sorriso de garoto, meio torto, meio travesso.

— Pode — respondo ao aceitar o seu braço e deixar que ele me leve, Sarah está na minha frente, dividida entre brincar com as florzinhas e andar, Monique e Ben estão atrás de nós nos observando caminhar os poucos passos que nos levam até ele.

Gabriel está me esperando, debaixo de uma cúpula feita de pisca-pisca, usando um terno novo, os cabelos cortados, a barba feita, as mãos trêmulas estendidas ao lado do corpo e os olhos marejados. Lindo, absurdamente lindo, como um anjo, algo que se deve admirar. Ele respira fundo, com dificuldade e me recordo da noite em que ele me pediu em casamento, sozinhos, eu, ele e as nossas lembranças, e

então compreendo o que está acontecendo.

Eu estou no meu casamento.

Alan me leva até ele, se afasta de mim e beija minha testa, como se estivesse me entregando ao amigo. Depois ele se aproxima de Gabriel e o abraça, meio sem jeito, meio bruto, com tapas fortes nas costas um do outro e quando eles se afastam, ambos estão emocionados.

Pisco e sinto uma lágrima cair em meu rosto e me apresso a limpá-la.

— Você está linda.

Olho para o vestido *rosé* que Monique me fez colocar, as mangas longas e rendadas, o decote discreto e clássico e sorrio porque, de repente, ele parece apropriado para o momento.

— Obrigada, você também está muito bonito.

Ele sorri, aquele seu sorriso meio travado, quase imperceptível, que com o tempo se tornou charmoso, formando algumas linhas em volta dos seus olhos de esmeralda e o deixando extremamente atraente.

— Por que isso agora, Gabriel? — pergunto baixinho quando ele se aproxima e beija minha testa.

Gabriel nunca quis um casamento, na verdade eu também nunca liguei muito para isso; para mim, no meu coração, já somos casados, e sempre fui feliz com isso. Mas, enquanto olho para ele, parado aqui, na minha frente, tão exposto, tão nervoso, sinto pela primeira vez na vida que talvez eu estivesse esperando por esse momento.

— Se você quer uma família, devemos começar da maneira correta.

Ele estende a mão para mim, a palma virada para cima, tremendo tanto que tenho a sensação de que ele está prestes a passar mal. Coloco a minha mão sobre a dele e sinto que está gelada. Ele fecha seus dedos sobre os meus e aperta lentamente.

— Caroline, você aceita ser a minha esposa?

Olho em volta, em tudo o que eles fizeram, vejo Monique e Alan abraçados, Sarah correndo em volta de nós, Benjamin sorrindo enquanto fotografa o momento com uma máquina nova, um céu artificial de estrelas sobre nós, alguns arranjos de rosas vermelhas espalhados pelo quintal, neve decorando tudo. O meu casamento.

Nunca imaginei que teria um casamento, tão bonito. Gabriel aperta minha mão levemente e me recordo que ainda não respondi a sua pergunta. Uma família, é tudo o que eu mais quero, a nossa família, um pouco de mim e dele, algo nosso, nosso futuro perpetuado. Sim, eu quero uma família.

— Sim — digo e noto que minha voz quase não sai, Gabriel se ajeita, endireitando a postura e Alan vai até à porta da cozinha abrindo-a e chamando um homem. — Eu não suportaria se você dissesse não na frente do juiz de paz — Gabriel explica.

— Como você conseguiu um juiz de paz a essa hora?

— Um homem desesperado é capaz de qualquer coisa.

O juiz aproxima-se e a cerimônia começa, Monique e Alan são nossas testemunhas e em menos de dez minutos sou a Sra. Vieira Smith.

Gabriel se vira para mim e retira seus votos do bolso. Fico nervosa porque não pensei em nada para esse momento e ele começa a falar:

— Caroline, não sou como os homens dos seus romances, não sei fazer coisas especiais, nem dizer coisas bonitas o tempo todo, não sei cozinhar, nem lavar ou passar, nem mesmo sei tirar neve da calçada, não sei fazer momentos simples se tornarem especiais. Tenho meus medos, minhas fraquezas, mas tenho uma virtude, algo que um amigo me disse que seria o suficiente para fazer isso aqui dar certo. — Gabriel olha para Alan antes de continuar a ler o papel em suas mãos: — Eu tenho um coração, feio e falho, mas ele é todo seu, ele nasceu para bater por você e para você e, nesses últimos dias, ele vem falhando miseravelmente e percebi que existe algo pior do que o meu medo de errar. — Ele ergue os olhos e me olha, seus lábios trêmulos e ansiosos dizem as palavras que sei que me lembrarei para o resto da minha vida. — Eu não posso te perder, Caroline, porque sem você não consigo respirar, e isso é muito pior do que tentar, é falhar. Sem você, eu falho na tarefa de viver; então, eu digo sim para nós, para nossa família, para um futuro, para um filho, ou dois, três... quantos você quiser, porque se você estiver ao meu lado significa que eu conseguirei, porque se estou aqui hoje é graças a você. Minha linda, minha amada Caroline.

— Gabe... — sussurro seu nome em meio as lágrimas. — Eu nem ao menos tenho algo assim para você. — Aponto para o papel que ele dobra e guarda no bolso.

— Diga que me ama e é o suficiente.

— Eu te amo, meu garoto. — Estico minha mão e toco seu rosto. — Meu amigo, meu companheiro, meu amante, meu marido. Eu te amo como nunca imaginei que seria capaz de amar alguém.

— Isso é tudo o que eu preciso saber.

Gabriel sorri e seca meu rosto que está molhado pelas lágrimas.

Monique chama Sarah e entrega uma caixinha nas mãos dela, Sarah vem até nós e entrega a caixinha nas mãos de Gabriel, ele a abre e retira uma aliança, pega minha mão esquerda e coloca nela.

— Receba essa aliança, em sinal do meu amor e da minha fidelidade.

Ele beija minha mão e então faço o mesmo que ele, retiro a aliança e coloco-a no dedo anelar de Gabriel.

— Receba essa aliança, em sinal do meu amor e da minha fidelidade.

Beijo sua mão e o juiz finalmente diz as palavras que jamais imaginei ouvir:

— Eu os declaro marido e mulher.



Capítulo 5

O quarto tem uma das vistas mais impressionantes da cidade, sinto como se estivesse sob as nuvens, vendo o mundo abaixo de nós, tão pequenos diante da nossa felicidade.

Gabriel passa os braços em volta da minha cintura e me beija delicadamente.

— Feliz? — ele pergunta quando o beijo acaba.

— Como nunca imaginei que ficaria.

Ele volta a me beijar, no início com carinho, com cuidado, como se precisasse se controlar, mas conforme o beijo foi seguindo ele se solta, segurando meus cabelos, investindo com mais força, gemendo a cada carícia, voltando a ser o meu Gabe.

— Eu te amo tanto — ele diz enquanto desfaz o laço do meu vestido. — Eu não sei como é possível alguém amar tanto assim.

Ele começa a desabotoar meu vestido, um beijo em cada pedaço de pele que surge em sua frente aquecendo o lugar onde seus lábios tocam e acendendo o meu corpo.

— Eu sou completamente dependente de você.

Ele segura meu quadril, seus dedos fortes cravados em mim e me ergue em seus braços levando-me para a mesa e se colocando entre minhas pernas, obrigando-me a me abrir para ele.

— Obrigado por me receber como seu marido.

Ele ergue a barra do vestido, o cetim escorrega entre seus dedos e minha pele, com seus olhos fixos no meu corpo e meu coração dispara.

— Eu amo tocar em você.

Ele me acaricia por cima da calcinha de renda preta e começo a ofegar com a sensação dos seus dedos tocando minha intimidade.

— Amo sentir seu corpo reagir ao meu toque.

Ele beija o volume dos meus seios sob a renda do sutiã e respiro fundo desejando que seus beijos não parem.

— Eu amo ouvir os sons que você faz quando estou dentro de você.

Ele afasta minha calcinha e me penetra, lentamente, com um dedo, depois mais um e inclina a cabeça apoiando-a em meu ombro enquanto os move, me fazendo gemer com a sensação de tê-lo dentro de mim depois de quase uma semana longe dele.

— Eu amo tudo que vem de você.

Ele beija meu pescoço, sugando minha pele e já não consigo mais pensar em nada, Gabriel está em todo lugar, dentro de mim, sobre mim e em mim, ele é o ar e o fogo, a intensidade e a mansidão, o controle e a paixão.

— Eu amo você.

Ele volta a me beijar e é minha vez de me desfazer de sua roupa, retiro sua camisa acariciando a sua pele dourada, beijando seu peito, sentindo seu coração batendo sob meus lábios enquanto ele continua me tocando, dizendo coisas que me excitam e me fazem desejá-lo ainda mais. Desfaço-me do seu cinto e, em seguida, da sua calça deixando-a cair no chão e tendo a visão do seu corpo nu, da sua necessidade e do seu amor. Toco sua ereção fazendo-o gemer e o guio até mim enquanto Gabriel me observa. É erótico e sensual.

— Faça amor comigo, Gabriel, seja meu marido de corpo e alma.

Ele ergue meu corpo e me desfaço da minha calcinha, desesperada, tão excitada e emocionada que sinto que não vou conseguir esperar muito tempo, Gabriel se aproxima, lentamente, se encaixando em mim, me amando e me tornando sua esposa, como se fosse a nossa primeira vez. Sinto uma explosão de amor quando ele me abraça, imóvel, dentro de mim e diz em meu ouvido:

— A partir de hoje, no momento em que você quiser, eu estou pronto para te dar um filho, um pedaço de mim, para você. E desejo com toda a força do meu coração que eu seja capaz de te dar o meu melhor.

Ergo meus olhos e encontro os seus, assustados, cheios de tantos sentimentos que ele não consegue controlar, tão lindo e tão meu; e sem pensar eu o beijo, recebendo o seu corpo e o seu amor, sentindo nossa união se fortalecendo e com a certeza de que não poderia ser diferente, somos feitos um para o

outro. Os opostos mais perfeitos.

— Eu te amo — digo enquanto o abraço, trazendo-o para mais fundo de mim com a certeza de que nunca terei o bastante dele. — Eu te amo e tenho certeza de que tudo vai dar certo.

Enrosco minhas pernas em seu quadril, acaricio sua pele, beijo sua nuca, ouço seus sons, saboreio seu suor, absorvo seu prazer e faço o que ele sempre fez todas as vezes em que nos amamos, nos últimos nove anos, eu digo que o amo, uma e outra vez, incansavelmente, enquanto o sinto dentro de mim, me dando o prazer que só ele sabe, do seu jeito, intenso, como tudo nele; e nesse momento me torno intensa também, no prazer, na sensação de sentir a sua pele úmida colada à minha, no seu cheiro de suor misturado com perfume, no toque dos seus dedos em minhas coxas, me segurando para poder pegar impulso e, principalmente, nos meus sentimentos, na forma como meu coração bate forte, mesmo depois de tantos anos e na perspectiva de que sempre será assim. Espalmo minhas mãos em sua nuca, acariciando seus cabelos molhados e abraçando-o até que o ouço gemer, estremecendo em meu corpo, liberando o seu prazer e desabando, exausto e completo.

— Eu te amo, minha linda esposa — ele fala, ofegante.

— Eu te amo, meu lindo marido.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta com a testa colada na minha, a voz rouca, tão lindo, que sinto arrepios pela coluna ao olhá-lo assim.

— Como se fosse a nossa primeira vez — respondo me sentindo pronta para começar novamente e sentindo seu corpo começar a reagir ao meu toque.

— Mas foi a nossa primeira vez — ele diz enquanto beija meu rosto, meus lábios, meu pescoço.

— Como marido e mulher?

— Não, linda — ele sussurra em meu ouvido e se eu não o conhecesse tão bem, acharia que ele está tentando me enlouquecer, mas sei que ele não faz ideia do quanto é lindo quando está excitado. Gabriel se afasta um pouco para olhar nos meus olhos e dizer as palavras mais lindas do mundo. — Como futuros pais.

E enquanto ele seca uma lágrima que escorre do meu rosto eu acaricio o seu afastando seus cabelos úmidos dos olhos e me apaixonando um pouco mais por ele, porque sei que por baixo do homem lindo de olhar intenso e corpo perfeito está um garoto apavorado, que em nome do amor, mais uma vez foi capaz de superar seus fantasmas para realizar o sonho da sua amada. E se tem uma coisa nessa vida que eu conheço são fantasmas. Eles nos assombram e nos fazem crer que são reais até que estamos fortes o suficiente para olhar e ver que eles nunca serão mais fortes do que nós.

MEU CORAÇÃO



*Cada passo que estou dando
Cada movimento que eu faço
Parece perdido sem nenhuma direção
Minha fé está abalada
Mas eu, eu tenho que continuar tentando
Tenho que manter minha cabeça erguida
The Climb – Miley Cyrus*



Capítulo 1

CLARA & CÉSAR

A estrela brilhante está começando a dar sinais de desgaste, lá se vão vinte e um anos desde que ela foi colocada no topo dessa árvore pela primeira vez. Sinto vontade de pedir a meu pai que me deixe trocar os enfeites, mas sei que ele se sentirá magoado. Cada vez que algo novo entra nessa casa é como se um pouquinho da minha mãe se apagasse. E, no fundo, eu sei que ele tem medo de esquecê-la.

Eu adoraria ter o que lembrar.

Inclino a cabeça para o lado e noto que uma bola está rachada, faço um lembrete mental para jogá-la fora antes que ele veja, analiso os outros enfeites enquanto espero a conexão se estabelecer. Ele está duas horas atrasado.

Dez minutos depois já anotei duas bolas rachadas, um Papai Noel com um buraco na roupa e um laço desfeito quando o notebook avisa a chamada de vídeo. Tento não parecer eufórica demais, mas no momento em que sento no sofá sei que minhas bochechas estão vermelhas e estou ofegante.

— *Nossa, como você está linda!*

— Oi — digo para o garoto que me olha do outro lado da tela como se eu fosse a coisa mais bonita que ele já viu na vida e meu rosto esquenta ainda mais. Se eu não estava vermelha antes, agora é definitivo. — Obrigada, mas você está atrasado.

— *Eu sei, meu amor, me desculpa, eu estava ocupado.*

César passa a mão nos cabelos fazendo charme, eles estão um pouco maiores, os cachos mais definidos, o rosto corado e a respiração ofegante de quem estava correndo.

— Duas horas, César?

— *Eu sei, eu sei... me perdoa, gatinha.* — Ele pisca e reviro os olhos.

— Onde você aprendeu a usar essas cantadas baratas? — pergunto fingindo indignação.

— *Jura que achou barata?* — ele finge estar ofendido e sorrio. — *Eu fiz o meu melhor para parecer sedutor.*

Trocamos algumas brincadeirinhas e provocações, essa vem sendo a nossa rotina desde que César se mudou para os Estados Unidos com Alan e Monique, agora seus pais adotivos, no começo achei que morreria de tanta tristeza e saudades, mas aos poucos fomos nos adaptando e, graças as chamadas de vídeo, conseguimos matar um pouco da saudade. Amanhã finalmente estarei lá para vê-lo, vamos passar as festas de fim de ano juntos e estou ansiosa para poder estar em seus braços novamente.

Estamos juntos desde os catorze anos quando nos conhecemos na escola, embora ele seja irmão de Monique, na época namorada de Alan e eu irmã de Gabriel, melhor amigo do Alan, nunca nos vimos antes porque ele morava em uma cidade no interior de Londres, e mesmo eu tendo morado em Londres por oito anos, nunca o vi, o que nos levou a crer que o destino quisesse que nos encontrássemos aqui, na nossa cidade natal.

— *E aí como está o coração?* — ele continua com suas cantadas idiotas e eu continuo revirando os olhos.

— Eu já estou acostumada a viajar de avião, né, seu bobo.

— *Eu me refiro a nós.* — Ele finalmente parece um pouco encabulado e meu coração acelera.

— Você sabe que estou com saudades — respondo meio na defensiva.

— *Eu sei, eu só gosto de ouvir.* — Ele espalma uma mão no rosto escondendo metade dele e sorrio porque ele fica tão bonitinho assim.

— Eu digo.

— *Não tanto quanto eu gostaria.*

Sinto no peso das suas palavras a cobrança que eu tenho evitado, ele tem razão, eu não venho dizendo que o amo tanto quanto dizia antes, não digo que sinto sua falta todas as vezes que ele diz, eu não olho tanto para nossas fotos juntas como eu olhava antigamente, nem mesmo fico admirando a sua beleza como fazia quando ele estava aqui comigo.

Isso não significa que eu não sinta mais, eu sinto, as vezes acho que sinto ainda mais, mas a verdade é que eu tenho medo, acho que tem alguma coisa a ver com meu DNA, os Smith's não são muito comunicativos, e tem uma dificuldade quase patológica de demonstrar seus sentimentos, embora eu seja a mais expressiva de nós três e de acordo com meu pai seja muito parecida com minha mãe.

— César... — digo e ele coloca a outra mão no rosto o escondendo completamente de mim.

— *Deixa pra lá, a gente se vê daqui a menos de dois dias* — ele diz e sinto um desânimo que vem se tornando comum em sua voz ultimamente, tento afastar isso da minha cabeça, mas é um pouco difícil quando estou olhando para seu rosto.

— Estou ansiosa para isso.

— *Eu também.*

Ficamos um pouco em silêncio e sinto nossa conexão enfraquecida, um aperto sufocante no meu peito me faz respirar fundo e falar:

— Eu preciso ir, tenho que terminar de arrumar a minha mala.

— *Tudo bem, eu também preciso fazer umas coisas aqui no dormitório.*

César divide um quarto com mais um garoto no campus da universidade, procuro não pensar muito sobre isso, principalmente porque os filmes e livros não ajudam muito.

Sei que é patético da minha parte, mas não posso evitar, eu sinto ciúmes e, às vezes, um pouco de medo de que algo aconteça.

Talvez seja esse o motivo para que eu venha me tornando tão distante. No meu subconsciente há algo que está tentando me proteger, eu só não sei do quê.

— A gente se vê depois de amanhã — digo para garantir que ele não se esqueça.

— *Claro. Eu não vejo a hora.*

Inclino-me para beijar a tela do note e ele faz o mesmo, como se pudéssemos nos beijar de verdade.

— *Eu te amo* — ele diz.

— Eu também — repito.

E então a tela se apaga, e no lugar do meu namorado fica uma mensagem do aplicativo pedindo para que eu avalie sua qualidade. Dou três estrelas como faço, mecanicamente em todas as vezes que uso a videochamada e penso o quanto da minha vida já se tornou algo que faço sem prestar atenção.



Capítulo 2

— Você já ligou para seu irmão? — meu pai pergunta pela décima vez desde que o avião pousou.

— Já, papai, ele está atrasado por causa da nevasca, mas eles já estão chegando.

— Será que é seguro eles dirigirem com o tempo assim? — Penha pergunta agarrada a meu braço, como se pudesse me proteger do frio que faz lá fora.

— Fica tranquila, Penha, aqui eles já estão acostumados.

Meu pai saca o próprio celular do bolso e começa a discar o número de Gabriel quando falo:

— Pai, o senhor vai deixá-lo mais ansioso, deixa eles chegarem no tempo deles.

E como se houvessem ouvido nossos chamados, Gabriel e Carol aparecem no saguão do aeroporto, ofegantes e corados do frio.

— Pai? — ele chama e nosso pai se vira ainda com o celular no ouvido.

— Graças a Deus, vocês chegaram...

Todos se abraçam, Penha fica emocionada em ver seu “garotinho” depois de um ano. Sei o quanto ela é ligada nele e vice-versa. Nos piores momentos da vida do meu irmão, Penha foi sua âncora, a pessoa que nunca o abandonou, sua mãe e seu pai e eu entendo o amor que ela sente por ele. E ele por ela.

Algumas horas depois estacionamos na frente da linda casa onde Gabriel e Carol vivem, olho de soslaio para a casa ao lado ignorando o meu coração palpitar no peito, César deve estar lá, o combinado seria que ele viesse hoje para casa, mas tento não ficar ansiosa.

Esforço-me para responder o que Carol diz, mas meus pensamentos estão todos no garoto da casa ao lado, faz um ano que não nos vemos, um ano sem sentir seu toque, sem beijar sua boca, um ano em que tudo o que tenho são lembranças e não vejo a hora de poder matar a saudade.

— Sua casa é linda, Carol — digo quando entramos e avisto uma sala que mais parece saída de um filme natalino daqueles bem açucarados; no canto, reinando absoluta, há uma árvore de Natal que faz a que temos em casa parecer um cacto: linda, iluminada e cheia de presentes.

— Você achou? Eu e Monique decoramos as nossas casas esse ano, foi divertido. Venha, vou te mostrar seu quarto.

Carol me leva para o andar de cima, com um sorriso enorme no rosto e um brilhante iluminando a aliança no seu dedo esquerdo, sinto que eles estão felizes e isso me faz feliz também.

— Como está a sua vida de casada?

— Eu não imaginava que ficaria tão feliz. — Ela acaricia a aliança no dedo antes de continuar: — Estamos tentando um bebê. — Ela olha para mim e sorri e sinto que ela tem algo mais a dizer.

— Na verdade... — ela respira fundo antes de continuar. — Estou uma semana atrasada, eu não ia contar nada para ninguém, porque é um absurdo, estamos casados há apenas duas semanas, eu não sei, pode ser apenas coisa da minha cabeça, mas...

Meu sorriso se espalha pelo rosto enquanto ela se embaralha com as palavras e percebo o quanto Caroline está emocionada porque em sete anos que a conheço, eu nunca a vi se embaralhar com as palavras antes.

— Ah, meu Deus... o Gabe vai ficar maluco, você tem ideia que ele nunca mais vai te deixar colocar os pés para fora de casa?

Carol ri, um riso profundo e tão cheio de alegria que me emociona.

— Eu... eu não sei. Eu não quero pensar em nada, ainda é tão cedo e eu nem deveria estar te falando essas coisas, mas é que eu estou prestes a enlouquecer e...

Puxo-a para um abraço porque tem momentos na vida em que as palavras não são capazes de expressar tudo o que estamos sentindo, e nesse momento tudo o que consigo ver é meu irmão, entubado em uma cama, entre a vida e a morte, e essa garota ao seu lado, segurando a sua mão, dia e noite enquanto aguardava ele voltar para ela, e eu sei, se tem no mundo alguém que mereça um bebê, esse alguém é Caroline.

— Eu estou tão feliz — digo desejando que ela sinta no calor do meu abraço todas as palavras que não consigo dizer.

— Obrigada, Clarinha, mas ainda é só uma suposição.

Ainda estamos abraçadas quando Gabriel, Penha e papai aparecem na porta do quarto.

— O que houve? — Gabriel pergunta.

— Carol está me contando como foi o casamento de vocês e acabamos nos emocionando — digo rapidamente e meu irmão fica vermelho como um tomate.

Logo o casamento se torna o assunto da noite, depois de um banho rápido descemos todos para jantar e passamos algumas horas em volta da mesa conversando sobre coisas aleatórias, planos para o futuro, Gabriel cita o fato de estarem tentando um bebê e Caroline quase engasga com o copo de água, é uma linda noite de Natal.

Pouco depois Alan e Monique chegam carregando uma Sarah sonolenta nos braços e Benjamin. Levanto-me e vou até eles.

— Deus, como a Sarah está grande! — digo quando tento pegá-la no colo e ela vira o rosto deitando a cabeça no ombro do pai.

— Desculpa, Clarinha, ela estava dormindo e tiramos ela da cama para vir ver vocês — Monique se justifica enquanto me abraça. — Como você está linda! — Ela acaricia meu rosto e sorrio envergonhada por ela me tratar como se eu ainda fosse uma garotinha.

— Obrigada, Monique, e parabéns pelo bebê. — Toco sua barriga ainda plana e ela espalma a mão sorridente por cima da minha.

— Você viu, que loucura...

Conversamos um pouco sobre bebês e surpresas e então vou até Ben, ele está parado no canto da sala, as mãos nos bolsos da calça de lã, os cabelos maiores, começo a achar que é para aquecer no inverno, e os olhos atentos a tudo o que acontece a sua volta.

— E aí, garotão. — Estendo meu punho como sempre fiz para ele e ele imita meu gesto tocando o meu punho com o seu.

— Olá, Clara. Tudo bem? — ele diz do seu jeito formal, característico da sua condição, mas sei que ele está feliz em me ver.

— Eu estou ótima e você?

Ben me conta como foi sua última semana de aula e como ficou magoado quando um garoto da sala dele o chamou de esquisito. Explico para ele que há meninos bobos que não compreendem que as pessoas não têm que ser iguais e ele me diz que dormiu na cama de Monique aquela noite.

Passamos um tempo conversando, me perco nas lembranças de todas as tardes que passei na casa deles no Brasil e como me sinto parte dessa família linda, a noite se estende enquanto papai, Gabe e Alan conversam sobre trabalho, Monique, Penha e Carol falam sobre bebês e a vida aqui.

Olho para a porta pela última vez na esperança de que a qualquer momento César entrará por ela, mas sinto no fundo do meu coração que estou apenas me iludindo. E para minha tristeza, uma parte dentro de

mim sabia que ele não viria; por algum motivo que não sei, eu sabia.

— O que acha de jogarmos *Monopoly*? — pergunto sabendo que é o jogo favorito de Ben.

— Acho que aceito.



Capítulo 3

Acordo um pouco desorientada, não me lembro onde estou até que olho pela janela e avisto uma calçada tomada pelo gelo enquanto papai e Gabriel lutam para limpá-la. Ele tenta explicar alguma coisa para o meu irmão, que está com uma cara de poucos amigos, desvio o olhar da cena familiar e olho para a casa ao lado, sinto meu coração bobo acelerar no peito mais uma vez e tento me acalmar, mas acho que isso é um pouco difícil quando se tem vinte anos e o coração preenchido por um amor de infância.

Levanto da cama, tomo um banho quente e demorado e quando desço encontro uma mesa de café da manhã completa, Carol e Penha estão sentadas e vejo lágrimas nos olhos da minha cunhada.

— Se você tem pretensão de esconder algo do seu marido, acho melhor parar de chorar toda vez que conta a novidade para alguém — digo assim que entro na sala de jantar e Carol se assusta com a minha presença. — Desculpa, eu não quis te assustar.

— Ela não me contou, eu quem notei que ela está diferente — Penha justifica e Carol respira fundo com a ansiedade tomando conta dela.

— Tem algum laboratório aberto hoje? — pergunto. — Podemos acabar com essa tortura já.



As três horas da tarde, eu, Carol e Penha estamos sentadas no corredor do laboratório vazio, Carol está tão nervosa que mal consegue se conter, seu corpo inteiro treme e ela está tão fria que poderia muito bem ser confundida com um defunto, se conseguisse parar de tremer.

— Acho melhor a gente ir embora, é cedo demais, eu me precipitei. — Carol se levanta colocando a bolsa no ombro. — Hoje cedo até senti um pouco de cólica, com certeza é coisa da minha cabeça.

Penha a observa com a calma que só os anos podem nos dar, eu estou tentando manter o controle, mas começo a sorrir só de imaginar como será quando Gabriel descobrir.

— Calma, Carol, já esperamos até agora, falta só um pouco para o resultado ficar pronto.

— Vamos todas tomar um chocolate quente. — Levanto e enrosco meu braço no de Carol e seguimos para a rua atrás de uma cafeteria. O que não é difícil já que estamos na capital mundial do café.



Já passa das oito quando Carol estaciona o carro na frente da sua casa, suas bochechas estão coradas e os lábios tremem tanto que estou começando a achar que deveríamos ter passado no médico.

— Eu vou ficar bem — ela diz para si mesma.

— Você está bem, Carol? — Aperto sua mão e ela olha para mim com seu sorriso nervoso.

— Sim, eu estou.

A porta se abre e Gabriel sai com uma expressão preocupada no rosto, ele vai até à porta do carro e a abre abaixando-se e olhando para Carol.

— O que houve? Meu Deus, Carol, eu estou prestes a enlouquecer. Onde vocês estavam até agora? Por que não mandaram nem ao menos a porra de uma mensagem?

Ele fala sem dar a chance de Carol responder, está tão apavorado que seus lábios estão sem cor. Eu compreendo seu desespero, há pouco menos de um mês Monique e Ben sofreram um grave acidente de carro e desde então eles estão com a atenção redobrada.

— Fica calmo, meu amor, estamos todos bem. — Carol se inclina e acaricia seu rosto antes de deixar um beijo em sua boca.

— Você está chorando, linda? — ele pergunta ainda sem acreditar nas palavras dela.

— Não foi nada, só estou um pouco emotiva por causa do Natal.

Meu pai aparece na porta, os braços cruzados no peito enquanto observa a cena se desenrolar a sua frente, desço e vou até ele, que me abraça tentando me aquecer.

— Está tudo bem? — ele me pergunta e confirmo balançando a cabeça. — Ótimo, vamos entrar.

Olho para a casa ao lado mais uma vez e, dessa vez, não ignoro a pontada de inveja que sinto do meu irmão. Será que César um dia irá me olhar como Carol olha para Gabriel? Será que eles percebem como são tão insuportavelmente perfeitos? Será que desperto esse sentimento nas outras pessoas quando estou com César?

O calor do interior da casa me faz relaxar um pouco e, enquanto todos se acalmam e Caroline conta para o idiota apaixonado do meu irmão que estávamos apenas dando uma volta na cidade e comprando alguns presentes de última hora, eu me perco em pensamentos sobre a vida e o que eu espero dela.

Não que o amor seja a base da minha vida. Okay, talvez o amor seja a base da minha vida sim, nasci em uma casa onde o amor venceu a morte, em que a doença não foi suficiente para afastar dois apaixonados, vi meu irmão ir ao inferno e ser resgatado por uma garota que o ama, tanto que mal se contém na sua presença, vi um casal provar que o amor não tem idade e nem classe social, acho que não é nenhum pecado desejar que eu tenha um amor assim para mim.

Após o jantar decido ir à casa de Alan e Monique ver Ben, teremos pouco tempo até que eu tenha que voltar para o Brasil e mesmo que seu irmão não apareça, eu quero ficar ao seu lado.

Passamos a maior parte da noite juntos, jogando *Monopoly*, Ben não gosta de parar o jogo antes de finalizar e quem já jogou sabe que ele é quase tão longo quanto a vida real.

Já passa das duas da manhã quando Alan o obriga a parar e depois de prometer que terminaremos no dia seguinte ele finalmente aceita subir para o quarto, me despeço de Alan e estou quase saindo quando ouço o som de um carro parando na porta da casa, olho pela janela e vejo um grupo de garotos dentro do carro, eles estão rindo e o som toca um hip hop alto demais para o horário, a luz da casa vizinha se acende e consigo ver uma senhora olhando pela janela assim como eu. Alan parece notar o barulho e se junta a mim.

— Mas que porra é essa? — ele fala quando percebe quem é um dos garotos.

César.

Sinto um aperto enorme no meu coração quando percebo que ele está aparentemente embriagado, tento manter a calma e me afasto sorrindo para Alan, que está com uma carranca tão feia que eu posso imaginar o que César vai ouvir quando passar por essa porta.

— Acho melhor eu ir, meu pai não vai gostar de me ver fora de casa tão tarde, mesmo que seja a casa

ao lado — brinco tentando fingir que está tudo bem e Alan não sorri de volta.

— Por favor, Clara... — ele começa a falar e ergo a mão para pará-lo.

— Tudo bem, pega leve com ele, a gente se vê amanhã.

Vou para a cozinha e saio pela porta dos fundos, dando graças a Deus por não precisar passar pela entrada principal, mesmo assim ouço sua gargalhada e sei que ele está alterado.

Um ano. Esperamos por esse dia por um ano e ele aparece embriagado, dois dias atrasado e em um carro cheio de amigos.

Tento não pensar em nada, sei que estou magoada e que amanhã ele terá uma boa desculpa para me dar. Ao menos é o que eu quero acreditar.



Capítulo 4

O som de risadas altas e eletrodomésticos me despertam, demoro apenas um instante para sentir o meu coração apertado no peito e apenas mais dois segundos para entender o motivo dele estar assim.

Não tenho vontade de levantar, mas me obrigo a tomar banho e descer, ou serei bombardeada por todos os lados e não é algo que eu desejo na véspera de Natal.

Encontro a cozinha lotada, Carol, Penha, Monique e mais duas senhoras que não conheço estão andando de um lado para o outro na cozinha.

— Bom dia, Clarinha, Benjamin te deixou exausta ontem, né? — Monique pergunta como se não soubesse de nada e prefiro fingir que sim.

— Foi uma noite boa, eu estava com saudades dele.

Sento-me em um banco e belisco algumas frutas enquanto observo elas trabalharem.

— Essas são Mary e Lucy, nossas vizinhas. — Carol me apresenta as duas senhorinhas.

— Olá — digo em inglês e elas me dizem o quanto sou bonita e me pareço com meu pai, agradeço e evito olhar para a casa ao lado como se assim fosse capaz de fingir que nada aconteceu.

— Onde estão papai e Gabe? — pergunto para Carol, que parece ter acordado mais calma.

— Foram buscar alguns ingredientes para a ceia.

Passamos um tempo ali na cozinha, envoltas em farinha, açúcar, conversas bobas e risadas leves. Por algumas horas eu até me esqueço que há um garoto que quebrou meu coração e ainda não veio ver o tamanho do estrago.

Às nove da noite estou enrolada na toalha, sentada na ponta da cama, ouvindo os talheres sendo postos na mesa, pensando nos presentes debaixo da árvore e de quanto o Natal realmente é um espírito, algo emocional, porque nesse momento eu não me sinto com vontade nenhuma de confraternizar com ninguém.

Ouçõ alguém bater à porta e me enrolo no roupão antes de levantar e abrir.

— E aí, magrela. — Gabe está apoiado no batente, usando uma camisa branca e uma calça de lã cinza, cheirando a perfume e sabonete e com um sorriso forçado nos lábios.

— E aí. — Abro a porta e espero que ele entre, caminho até a cama e me sento.

— Por que você ainda não está pronta? — ele pergunta olhando para a casa de Alan e sei que ele sabe de algo.

— Eu estava fazendo isso quando você entrou.

Ele se vira para mim, as mãos enterradas nos bolsos e por um instante ele deixa de ser o homem de família e volta a ser meu irmão chato que vivia pegando no meu pé.

— Você sabe que eu tô pouco me importando se aquele pedaço de merda é filho do Alan, né? — ele fala sem rodeios e agradeço por ser assim.

— Por que você está falando isso?

— Porque eu tô notando que você está triste e que olha para a porra da casa do Alan a cada cinco segundos e eu ainda não vi aquela cara deslavada daquele moleque, portanto eu vim aqui antes falar com você porque eu estou tentando ser um cara controlado. — Gabriel passa uma mão nos cabelos desarrumando o penteado que tenho certeza de que Carol o obrigou a fazer e volta a falar.

De jeito nenhum ele está controlado. E eu o amo por isso.

— Esse moleque machucou você de alguma forma?

Sinto vontade de dizer que sim, mas sei que ele não vai pensar em nada, vai atravessar o quintal e pegar César pelo colarinho, então eu me obrigo a colocar o meu melhor sorriso fajuto e respondo:

— Não, eu só estou... — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha e finjo estar envergonhada. — Com saudades de... você sabe, faz um ano que não ficamos juntos e não vejo a hora de poder estar com ele novamente.

Gabriel permanece um instante olhando para mim, analisando meu rosto, sustento o seu olhar porque sei que não posso desviar, ele está buscando algo que indique que estou mentindo e não vou deixar ele perceber, não hoje, não essa noite.

— Eu não sei se prefiro acreditar nisso ou se prefiro achar que ele realmente machucou seu coração.

— Gabe!

— Caralho, Clara! Você é a minha irmãzinha, eu gostaria de continuar acreditando que você tem catorze anos.

Começo a rir quando noto que Gabriel está ficando vermelho e me levanto indo até ele e abraço-o.

— Eu tenho quase vinte e um — digo antes de beijar a sua bochecha e ele faz uma careta tão linda que sou obrigada a beijá-lo novamente. — Sabia que eu te amo?

— Eu também te amo, magrela. Mais do que você pode imaginar.

— Eu sei que sim.

Ele me olha por um instante e decide que vai acreditar em mim. Vou até minha mala e pego o vestido que escolhi para essa noite e Gabriel sai deixando-me finalmente sozinha. Um instante depois ele volta.

— Clara, você sabe se está tudo bem com a Carol? Ela parece meio estranha hoje o dia todo.

— Ela está nervosa com a ceia, quer que tudo dê certo.

— Acho que é isso mesmo, né?

— Com certeza, agora vaza que vou me trocar.

Empurro meu irmão e fecho a porta apoiando-me nela e rezando para que a noite seja o mais tranquila que uma noite na família Smith consegue ser.



São exatamente dez horas da noite, eu sei porque acabo de olhar para o relógio em cima da lareira, a casa está linda, a mesa mais parece de propaganda de peru de Natal, há pessoas em todos os cantos da casa, Caroline está deslumbrante em um vestido vermelho que ela comprou hoje, leve e esvoaçante, de mangas longas e com um decote generoso que atrai a atenção de Gabriel a cada dois minutos. Um garoto de aproximadamente quinze anos está tentando chamar a minha atenção, estou tentando ser gentil.

A porta se abre, e então ele entra.

É a primeira vez que o vejo finalmente, depois de um ano separados, ele está usando uma calça bege e um suéter azul-marinho, suas bochechas estão vermelhas e há flocos de neve em seus cabelos.

Meu coração acelera no peito e tento chamar o mínimo de atenção possível, mas ele me vê e no

instante em que nossos olhos se encontram baixo o olhar porque se torna insuportável olhar para ele assim.

Encaro o carpete da sala enquanto noto seus passos, sinto o seu cheiro, ouço a sua voz, cada molécula do meu corpo reconhece o seu e quando ele para na minha frente sou um emaranhado de sentimentos e nem todos eles são bons.

— Como você está linda — ele diz, a voz completamente rouca, tão baixa que se eu não o tivesse visto ontem poderia jurar que ele está com uma gripe daquelas.

— Você está atrasado. — Ergo os olhos e encontro os seus, os mesmos olhos doces e gentis de sempre. — Dois dias para ser exata.

— Eu sei, e posso explicar.

César não tem tempo de dizer mais nada, Gabriel se aproxima segurando uma taça de suco na mão e olhando para ele como se fosse um assassino em série.

— Tudo bem com você, César? — Gabriel começa e baixo a cabeça desejando desaparecer.

— Tudo ótimo e com você, Gabriel?

— Vou ficar melhor quando eu vir a Clara sorrindo novamente. Você vai ser um cara bacana e fazer a minha irmãzinha sorrir?

César olha para mim e depois para Gabriel como se não se importasse com a cara feia do meu irmão e ergue os ombros com desdém.

— Não sei do que você está falando, cara.

Sinto o sangue fugir do meu rosto quando Gabriel dá um passo para mais perto de César, me aproximo um pouco mais tentando não chamar a atenção e seguro o braço do meu irmão.

— Não brinque comigo, moleque.

— Não me chame de moleque.

Eles permanecem um instante se encarando como dois bois antes do ataque e estou prestes a gritar com eles quando Alan aparece.

— Que porra é essa aqui? — ele diz olhando diretamente para César e surpreendentemente ele baixa o olhar. — O que deu na tua cabeça, César?

— Eu não deveria ter vindo. Não tem condições de conversar com você com esses dois em cima da gente. — Ele esfrega a testa e olha para mim ignorando a cara feia de Gabriel e o olhar recriminatório de Alan. — Desculpa, Clara, a gente se fala depois.

E então ele vai embora, dez minutos depois de chegar e por um instante fico com raiva de Gabriel, mas ele não tem culpa, César só queria um motivo para sair, senti desde o momento em que ele se aproximou.

Algo estranho está acontecendo e estou com medo de descobrir o que é.

— Quer que eu vá atrás dele? — Gabriel pergunta já seguindo para a porta.

— De jeito nenhum, sua família está aqui e é aqui que você vai ficar. — Seguro seu braço e ele me puxa para um abraço.

E eu faço o maior esforço do mundo para sorrir, quando meu coração pede para que eu chore.



Capítulo 5

Eu não sei mais o que aconteceu, não me lembro de ter comido, nem mesmo de onde me sentei, não me recordo de ter trocado presentes, de ter abraçado pessoas, ou se foram elas que me abraçaram, eu nem ao menos me lembro se desejei um Feliz Natal para alguém. Tudo o que consigo pensar é que César preferiu passar o Natal sozinho do que ao meu lado. E isso está acabando comigo.

É quase uma da manhã quando Carol finalmente entrega o presente de Gabriel, uma caixa vermelha com um laço verde brilhante, ele fica envergonhado com o tamanho da caixa, e a abre. Era o momento que esperei o dia inteiro, vejo meu irmão abrindo caixa por caixa, vendo-as diminuir à medida que ele tira uma de dentro da outra, todas as pessoas na sala riem da brincadeira e Gabriel vai ficando cada vez mais sem graça, até que ele chega a última caixa, sem notar que sua esposa está chorando ele abre a pequena caixa e encontra dentro dela um pequeno par de sapatinhos vermelhos de lã. O presente que escolhemos juntas para ele.

— Linda? — Ele olha para Caroline e ela apenas balança a cabeça, mas ele parece não compreender e pergunta: — O quê? Mas já? Como assim? Acho que não entendi.

Gabe coça a cabeça e todos aplaudem.

— Meu Deus, Gabriel! Não me envergonhe, cara, você precisa que Carol te explique? — Alan brinca e Gabriel parece ter entrado em estado de choque porque ele continua olhando para o sapatinho, como se realmente esperasse uma explicação melhor.

— Feliz Natal, papai! — Carol diz ao abraçá-lo e meu irmão começa a chorar. Logo estou chorando

também e ao olhar para o lado vejo que todos estão chorando, me levanto e abraço o casal parabenizando-os e Monique traz champanhe e suco para brindarmos.

É uma linda noite de Natal, a melhor que meu sobrinho poderia ter e faço um pedido mental para que ele seja apenas o primeiro de muitos Natais assim.



— E aí, senhor Christopher? Vovô, hein! — brinco com meu pai, que está visivelmente emocionado.

— Jesus Cristo, Laura estaria em prantos se estivesse aqui.

— Eu tenho certeza de que ela está feliz, seja lá onde estiver.

Abraço meu querido pai e mais uma hora se passa até que todos comecem a ir embora, Gabriel e Caroline parecem estar em outro planeta e eu e Penha pedimos para que eles subam e deixem a cozinha conosco.

Arrumamos toda a cozinha entre comentários sobre a noite e o bebê, sinto a alegria da chegada dele iluminar todos a sua volta e fico feliz por eles.

Quando a casa finalmente fica vazia e silenciosa vou até a porta dos fundos, decidindo se saio ou se subo e é quando vejo César, sentado no degrau da porta, usando apenas o suéter, coberto de neve e tremendo.

Abro a porta rapidamente.

— O que você está fazendo aí? — pergunto enquanto o puxo para dentro de casa.

— Eu precisava falar com você, estou aqui esperando.

— Desde quando?

— Eu não sei, eu só precisava falar com você.

Levo César até a lareira e o envolvo com um cobertor de lã embora o meu desejo seja de vê-lo sofrer um pouco mais.

Espero até que ele esteja aquecido e comece a falar porque seja lá o que for, precisa ser uma boa justificativa.

— Eu te amo, Clara. — É a primeira coisa que ele diz e preciso dizer que ele joga baixo.

— Eu preciso de um pouco mais do que isso para acreditar em você, César — digo com os braços

cruzados no peito, do outro lado da sala.

— Eu sei. — Ele se levanta deixando o cobertor cair no chão e caminha até mim.

— Acho melhor você ficar aí. — Estendo minha mão para impedi-lo de me seduzir com seu sorriso lindo e suas palavras doces.

— Eu preciso conversar com você.

— Eu estou esperando.

— Clara. — Ele segura a minha mão entrelaçando nossos dedos. — Não faz assim. — Ele se aproxima de mim colando seu corpo úmido ao meu. — Eu não sou um filho da puta como seu irmão pensa.

— Eu sei que não, só preciso entender o que está acontecendo conosco, César — digo apoiando minha cabeça em seu peito sentindo as batidas pesadas de seu coração.

— Eu te amo, eu juro que ainda te amo.

Ele repete e a cada vez que ele diz essas palavras, eu as sinto mais distantes e sem sentido. Fecho os olhos desejando poder parar o tempo, porque sinto que esse momento é o nosso último.

— Eu te amo, Clara, eu te amo tanto. — Ele me abraça e chora. Enquanto diz para mim que me ama, o meu garoto se despede de mim, sem me explicar o que aconteceu, sem me dizer o que houve, em que momento nos perdemos. Ele diz que me ama e a cada vez que essa palavra sai dos seus lábios, elas se parecem menos com amor e mais com dor, e enquanto ele as diz, eu me agarro a ele, permitindo que as lágrimas caiam e desejando que essa noite acabe o mais rápido possível.

— Mas... — começo porque eu sei que tem um mas, sempre tem.

— Eu não sei. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro como se não soubesse o que está acontecendo.

Se você não sabe, imagina eu?

— César.

— Está tudo meio confuso, eu... — ele continua se enrolando nas palavras e começo a ficar irritada. — Ontem à noite, não foi nada do que você está pensando...

— Como você sabe o que eu estou pensando?

— Eu sei, eu sei que você acha que... — Ele esfrega o próprio rosto deixando-o vermelho antes de continuar: — Eu não fiz nada errado, Clara, eu juro.

— Eu não sei se acredito em você.

— Eu só... — Ele olha para os lados como se estivesse em busca de ajuda. — Eu só perdi a hora, era o aniversário de um dos caras da universidade e ele deu uma festa.

— Foi por isso que você não veio antes? Por que você tinha uma festa para ir?

— Clara...

— Não, César, não fala mais, você está piorando tudo.

— Não fica brava comigo — ele pede.

— Não estou brava com você — digo e, infelizmente, não estou, na verdade estou chateada, triste e com tanta saudade que sinto que vou chorar a qualquer momento.

— Eu sempre vou te amar, para sempre. — Ele ergue meu rosto e me beija, um beijo que machuca minha alma, um beijo que esperei um ano para receber, o beijo da despedida.

Nossos lábios permanecem um instante juntos e, quando se separam, eu sei que acabou.

— Acho melhor você ir embora — digo ao me afastar e ele não questiona.

César sai da minha vida, a roupa molhada, os cabelos salpicados de neve, ele sai com as mãos nos bolsos, carregando com ele toda a minha inocência, meu primeiro beijo, minha virgindade, meu primeiro amor, meu sonho de príncipe encantado.

Assim que fecha a porta, César leva com ele a minha fé na palavra amor.



Capítulo 6

Uma semana depois estamos indo embora, de um jeito que jamais imaginei que seria, cheguei nessa cidade cheia de planos e volto com um coração partido e mesmo assim ele magicamente bate por alguém, na verdade por uma pequena pessoinha que nem ao menos nasceu ainda, mas que já está tomando conta de tudo e provando que mesmo um coração quebrado ainda pode ser feliz, de um jeito meio estranho e totalmente inexplicável, ele ainda pode bater.

— Vamos sentir sua falta — Carol diz ao me abraçar.

— Eu já estou morrendo de saudade de vocês e desse pedacinho de gente aqui. — Espalmo a mão na barriga de Caroline e ela sorri. Nunca vi uma grávida tão feliz e só desejo que, dessa vez, tudo dê certo.

Abraço Gabriel e por um instante não quero deixá-lo aqui sozinho.

— Você vai ficar bem, não é? — pergunto sentindo uma saudade forte apertar meu peito.

— Claro que vou, e logo estarei de volta ao Brasil. — Ele beija meus cabelos e se afasta.

— Pega leve com a Carol, ela está grávida, não é de vidro.

Ele olha para a mulher e depois para mim.

— Pode deixar.

Todos nos despedimos e quando estamos indo para o embarque ouço meu nome e me viro para encontrar César. Ele vem correndo até mim, sem se importar com o fato de ter ido embora naquela noite de Natal sem falar com mais ninguém. Ignoro o olhar inquisidor de Gabriel e me concentro apenas no garoto parado a minha frente.

— Você está linda — ele diz ao se aproximar, perto demais para minha segurança.

— Você está atrasado — digo.

— Eu sei. — Ele se aproxima um pouco mais e fecho os olhos porque não quero olhar para ele. — Me perdoa — ele sussurra em meu ouvido e apoia a testa na minha. — Por favor, não me odeie.

— Não posso, você tem muito de mim para que eu te odeie — digo baixinho para que somente ele possa escutar.

César retira um envelope do bolso de trás da calça e coloca em minha mão.

— Quando puder leia. — Ele beija minha testa e se vai, sem olhar para trás, com a mesma pressa que veio, meio andando, meio correndo, deixando meu coração em pedaços doendo um pouco mais do que achei que seria possível.

Olho para o envelope em minhas mãos e depois para Gabriel; ele não parece com raiva, na verdade ele parece triste e me obrigo a sorrir.

— Está tudo bem, eu vou ficar bem — prometo a meu irmão pouco antes de finalmente ir embora, levando em minhas mãos uma carta e torcendo para que ela possa explicar o que aconteceu conosco e se há uma forma de consertar tudo isso.

MINHA CURA



*Uma casa tão bonita
E um jardim tão bonito*

*Sem sustos e sem surpresas (tire-me daqui)
Sem sustos e sem surpresas (tire-me daqui)
Sem sustos e sem surpresas (tire-me daqui)*

Por favor

No Surprises - Radiohead



Capítulo 1

TOMAZ

Já se passaram dez minutos desde que a apresentação acabou, mas ainda tem dois garotos observando Guilherme fazer seu tradicional “ta, ta, ta, tu, tcha” na tentativa de ensiná-los a tocar bateria enquanto uma menininha tenta dedilhar as notas musicais e eu estou tentando tirar o microfone das mãos de outro menino, que mais parece ter seis braços, é praticamente impossível tirar algo dele.

— A apresentação foi incrível — Poliana diz com um sorriso gigante nos lábios. — Cada ano vocês se superaram.

— Obrigado, fico feliz que gostou — digo enquanto finalmente consigo retirar o microfone das mãos do menino polvo, Poliana o ajuda a descer e chama uma das recriadoras para ajudar a retirar o restante das crianças do palco.

— Senti falta do Ben — ela continua.

— Eu também.

A verdade é que eu sinto falta daquele moleque todos os dias, sinto falta da facilidade com que ele permite que a música preencha todos os cantos dentro de si, como ele a conduz e a molda, como massinha de modelar, sinto falta da sua versatilidade e da capacidade incrível de criar misturas únicas e inesquecíveis. Na verdade, todos acreditam que eu sou o professor de Benjamin, mas a verdade é que ele é quem me ensina muito, com sua limitação pessoal, ele descobriu na música uma forma de se comunicar com o mundo. E ele é um ótimo comunicador. Basta encontrar quem tenha a sensibilidade para ouvir a sua voz.

— Você está sabendo que eles chegam em algumas semanas? — ela continua falando com a sua alegria de sempre.

Poliana é uma mulher surpreendente, quem conhece a sua história e sua trajetória não consegue acreditar que há tamanha força e coragem em alguém tão pequena, ela sempre procura ver o lado bom em tudo e seu otimismo contagia a todos.

— Sim, eles vêm para o casamento da Verônica — respondo enquanto guardo os equipamentos.

Aliás, quem não vem para esse casamento? Tenho a sensação de que toda a cidade foi convidada, porque aonde eu vou encontro alguém comentando sobre o evento do próximo ano, eu só espero que haja noivo porque Fábio, meu pobre amigo, está à beira de um colapso nervoso.

Termino de arrumar tudo e desço do palco que já está sendo tomado por crianças brincando de dançar e tocar, coloco minha case nas costas e estou arrastando a caixa de som quando Vinícius e Christopher se aproximam.

— Bonita apresentação — Christopher fala com seu jeito fechado e educado, e eu agradeço, Vinícius estende a mão me parabenizando e repito o agradecimento.

— Você vai ficar para o jantar? — ele pergunta enquanto beija o topo da cabeça de Poliana e apoia o queixo nela recebendo um tapa.

— Não, eu vou pegar estrada assim que sair daqui.

— Vai passar as festas fora da cidade? — Christopher pergunta e posso notar que ele está se esforçando para manter um diálogo, aperto os lábios evitando um sorriso porque é como conversar com uma versão mais velha de Gabriel. Não que nós tenhamos muito assunto, mas hoje sei identificar a timidez e o jeito introspectivo de Christopher, sem contar que tenho a sensação de que todos são capazes de ver que, no fundo, ele é um homem eternamente em luto.

Eu e Gabriel já passamos da fase de rixa há alguns anos, não tenho nenhum problema com ele, já ele parece que tem problemas com todo mundo, aprendi a compreender o seu jeito e descobri que ele tem muito mais do jeito tímido do pai do que arrogância em seu jeito de ser. Ele só não liga para o que as pessoas pensam dele.

E quer saber? Eles estão certos.

— Vou para a casa dos meus pais — digo enquanto retiro meu violão das costas e apoio na caixa de som.

— Que bacana.

Poliana e Vinícius pedem licença e se afastam quando veem a madre chegando acompanhada de algumas crianças. E então ficamos só eu e Christopher.

— E você, vai viajar? — Sinto-me obrigado a perguntar e quando ele sorri noto que fiz a coisa certa. É algo raro arrancar um sorriso do rosto do homem mais rico dessa cidade.

— Vou, amanhã embarco para Nova York, eu e minha filha — ele completa como se fosse importante explicar. — Vamos passar o Natal todos juntos.

— Bacana. Gabriel vai gostar de ter a família junto.

— Ele não sabe, mas conseguimos convencer até mesmo a Penha, na verdade quem convenceu foi a Clara, aquela garota consegue tudo com aquele jeitinho esperto dela.

Viro-me na direção de onde Christopher está olhando, vejo Clara sentada de costas para nós, os cabelos cacheados e rebeldes cobrindo qualquer visão do seu rosto, as mãos gesticulando exageradamente, rodeada de crianças, ela parece estar fazendo algo muito interessante porque todos estão quietos ouvindo-a e começo a lembrar da época em que fui seu professor, ele tem razão, ela tem mesmo o dom de conquistar as pessoas.

— Ela sempre foi uma boa aluna — digo porque sei que os pais gostam de saber disso. Não é mentira, na época em que lecionei no colégio, Clara sempre teve um espírito de liderança natural, ela atraía a atenção de todos para si e sempre se livrava de problemas com um sorriso gentil que derretia o coração dos professores.

O completo oposto do irmão.

— Preciso ir, Christopher, me desculpa, mas eu ainda tenho que guardar todo o equipamento — começo a justificar.

— Claro, você precisa de ajuda com algo? — ele pergunta como se fôssemos amigos e agradeço.

— Não precisa, obrigado.

Ele me dá um abraço educado e desejamos boas festas um para o outro. Meus companheiros de banda se aproximam, cada um carregando um pouco do seu equipamento e seguimos para o carro de Guilherme para guardar tudo comentando o que deu certo e o que deu errado no show de hoje, uma rotina tão natural como respirar depois de tantos anos juntos.

— Ei, cara, tá indo já? — Fábio chega momentos depois ajudando a guardar os equipamentos sem precisar perguntar onde fica o quê.

— Estou. Eu preciso ir, você sabe — respondo ao meu amigo e ele dá um tapinha nas minhas costas, porque sabe o quanto é difícil para eu voltar para casa, o quanto eu tenho evitado estar lá.

Fábio é meu amigo de infância, crescemos juntos, almoçávamos na casa um do outro, na verdade eu mais na dele do que ele na minha. Junto com Rio, nosso outro amigo, éramos um trio bem esquisito: Fábio era o garoto tímido, meio nerd, que gostava de livros e astronomia; eu o cara do rock, que usava o violão para animar as festas à beira da fogueira; Rio era o hippie que não tinha limites, que pegava todas as turistas da cidade.

Entramos na faculdade juntos, eu fiz História, e Fábio fez Administração, Rio começou Biologia, mas desistiu na metade. Tornei-me professor contra todas as probabilidades, Fábio abriu uma livraria, Rio continua sendo Rio e nossas vidas foram tomando rumos diferentes. Vivíamos a vida, como deveria ser.

Até que eu e Fábio viemos para cá, conhecemos duas garotas, uma delas era o grande amor platônico de Fábio, o clássico caso do garoto nerd com a patricinha. Verônica veio como um furacão e destruiu todas as defesas de Fábio, não que ele tivesse muitas, na verdade, em se tratando de Verônica ele nunca teve nenhuma, na presença da loira estonteante de olhos azuis era como se ele fosse um esquilo diante de um leão. Ou uma leoa.

Eu conheci Caroline, a doce e gentil amiga de Verônica, linda com seus olhos expressivos e seu sorriso tímido, não poderia ser mais perfeito, melhores amigos apaixonados por melhores amigas, eu vi meu amigo feliz e acreditei que não havia mal algum baixar a guarda. Mas cometi um grande erro, me machuquei e mesmo que eu nunca tenha dito isso em voz alta, depois de Caroline eu perdi um pouco de fé no amor. Não que ele não exista, eu sei que existe, eu só não acredito que ele seja uma regra, nem todos nasceram para se apaixonarem, eu sou um desses, vivi a experiência uma única vez e não gostei.

— Eu chego em alguns dias — ele diz como se tentasse me consolar. — Não faça nenhuma bobagem sem mim.

— Valeu, irmão! — Puxo Fábio para um abraço e sem dizer nada, agradeço por ele estar sempre ao meu lado, principalmente agora.

Nos separamos meio sem jeito e avisto a sua noiva vindo em nossa direção.

— Tomaz já disse para você não se aproveitar do meu noivo. — Ela se aproxima e Fábio a abraça como se não a visse há muito tempo.

— Okay, já parei. É que ele é irresistível. — Estendo as mãos para o alto e ela ri.

— Eu sei que é. — Ela segura o rosto de Fábio e beija sua boca rapidamente. — Por isso vou acorrentá-lo para sempre.

Fábio franze o nariz e faz uma cara de apaixonado idiota que me faz crer que deve existir algum tipo de curso para isso porque é cômico. Mesmo assim fico feliz por eles, sei que Verônica ama meu amigo do seu jeito passional e meio maluco, escandaloso demais e excêntrico, mas ele é louco por esse conjunto e isso é o que importa. Acho que isso é o que torna essa coisa de amor tão instigante.

— Já está indo? — ela pergunta, as mãos em volta do pescoço de Fábio como se temesse que eu de alguma forma o colocasse dentro de uma mala sem que ela perceba.

— Vou pegar estrada — respondo para Verônica, que me olha como se soubesse da minha história, talvez saiba, ela e Fábio são quase uma única pessoa e não o condeno por compartilhar suas coisas com ela. É assim que os casais de verdade devem fazer.

Contar a verdade um para o outro, não mentir, doa a quem doer.



Demoro duas horas até que consigo finalmente pegar a estrada, decido ir de carro, não estou animado o suficiente para ir de moto, paro no posto, abasteco, compro três maços de cigarro e finjo não me incomodar quando a balconista me olha como se estivesse cometendo um crime.

— Acredite, eu vou precisar disso — justifico e ela sorri como se dissesse “tanto faz”.

Assim que tenho a certeza de que está tudo okay pego o telefone e deixo uma mensagem na caixa postal.

— Estou a caminho. Chego em quatro horas.

Ligo o meu carro, acendo o primeiro cigarro sabendo que teremos um longo caso de amor pelos próximos dias, aumento o som do rádio e deixo que Pink Floyd afaste todos os pensamentos da minha mente. Ainda tenho quatro horas até precisar pensar novamente.



Capítulo 2

O cheiro do mar me traz recordações de uma vida que não conheço mais, festas inocentes, beijos escondidos, amores juvenis, música, alegria, sonhos.

Eu quase havia me esquecido do quanto fui feliz aqui. Desde a última vez que estive em casa, eu tentei apagar esse lugar da minha mente, mas existem coisas que são impossíveis de serem apagadas, cheiros, sons e sabores são como marcas registradas que não somos capazes de nos desfazer. E isso é uma grande merda.

Passo pelo centro, avisto as lanchonetes que frequentei na juventude, a praça onde fiz meu primeiro show, a escola onde estudei, me recordo do professor que me inspirou a ser um mestre, um homem que admirei por toda a minha vida e que sempre foi minha inspiração.

Passo por ruas, lembranças de uma vida, vejo o pai de Fábio sentado na frente de sua casa conversando com outros senhores e faço uma anotação mental para vir aqui vê-lo depois. Ignoro a rua que deveria entrar e sigo adiante, para o único lugar do qual realmente sinto falta nesse lugar.

Desço do carro e sigo o resto do caminho a pé, tiro os sapatos e dobro a barra da calça, enfio os pés na areia e me recordo de como isso sempre foi revigorante para mim, caminho até o antigo píer e me sento de frente para o mar, acendo mais um cigarro e faço um pedido mental para que eu consiga passar os próximos dias sem maiores problemas. Na verdade, acho que não é bem um pedido, isso já entra na categoria milagre.

O sol pinta o céu com seu alaranjado imponente indicando o fim de mais um dia, o som do mar e das

gaivotas voando é a melodia perfeita para a partida majestosa dele, observo o sol se pôr sem me dar conta de como isso era algo natural na minha vida e hoje me sinto maravilhado com esse espetáculo. Como pude me esquecer o quanto eu amava isso aqui? Como pude deixar que a mágoa anulasse a importância de tudo que era importante para mim? Me pergunto se haverão outras coisas que eu sentirei falta no tempo em que ficarei aqui e tenho medo da resposta, não quero perceber que deixei muita coisa para trás.

— O bom filho a casa torna. — Ouço uma voz familiar atrás de mim e me viro para encontrar Rio.

— Não é bem assim, mas vamos fingir que sim.

Ele se senta ao meu lado e me abraça como nos velhos tempos. Ele ainda cheira a sal e descolorante de cabelo e sorrio quando penso que algumas coisas não mudam nunca. Rio é um homem do mar, uma brincadeira com o seu nome que sempre fizemos quando criança, mas é verdade, Rio ama o mar, as ondas, a liberdade e o desapego. Com sua pele queimada e seus cabelos parafinados, ele é a verdadeira representação do surfista. Quando moleque, ele tentou me ensinar a surfar algumas vezes, mas eu sou tão leve como uma pedra e logo percebemos que cada pessoa nasce com um dom, o dele é no mar, o meu é na música.

Quando terminamos o colégio e cada um foi para o seu canto, eu soube que Rio sempre ficaria por aqui, e ele ficou, abriu uma escola de surfe e vive em uma pequena casa próximo ao mar. Ele é a prova viva que nem sempre ser bem-sucedido significa ter dinheiro, Rio não seria feliz longe do mar, por mais que algumas pessoas não consigam compreender. Uma pena.

— E aí, como vai a vida? — Ele olha para meu cigarro e faz uma cara de desaprovação. Rio é adepto a vida saudável, vegano desde que me conheço por gente, ele nunca bebe e não fuma e também odeia ver os amigos “destruindo os seus corpos”. — Você não deveria fazer isso, cara! — ele diz exatamente como imaginei que diria.

Para Rio o corpo é o templo da alma, ele só não sabe que para um templo existir, ele precisa ter algo que o habite e no meu caso... bom, não quero parecer dramático nem nada do gênero, mas eu não acredito muito nessas baboseiras todas que ele fala.

Olho para o cigarro em minhas mãos, ergo os ombros e respondo:

— Eu preciso, é isso ou socar a cara de alguém. Está disposto a me deixar socar a sua?

Ele ri, mas sabe que eu estou falando a verdade, não com relação a socar a sua cara, mas o fato de precisar fumar. Não sou um viciado em cigarros ou coisa assim, mas fumar me acalma quando estou sob pressão e nesse momento sinto como se estivesse com um torniquete em meu peito, apertando a medida em que tento respirar.

— Já viu teu velho? — Ele vai direto ao ponto e me lembro o motivo para odiá-lo. Rio não perde tempo com conversa mole, ele fala sempre o que deve ser dito, algo que não estou muito a fim hoje. Nem pelos próximos sete dias.

— Acabei de chegar.

— Eu imaginei.

Trago mais uma vez o cigarro e observo a fumaça se desmanchar no ar sabendo que ele está odiando isso. Estamos quites, meu irmão.

— Se precisar de alguma coisa sabe que pode contar comigo.

— Tem uma rede sobrando lá na tua casa? — pergunto olhando as gaivotas sobrevoarem o mar em busca de alimento.

Rio sorri e passa o braço por meu pescoço.

— Para os amigos sempre tem.

O sol se põe, a noite chega, Rio me atualiza sobre as novidades, eu conto a ele sobre a banda e a universidade, ele promete ir me visitar um dia, mas sei que nada tira esse caixara daqui. O tempo passa e finalmente não tenho mais como evitar, me despeço do meu amigo e me obrigo a seguir para o meu destino.

— Tomaz — ele me chama quando começo a caminhar de volta para o carro. — Se precisar socar alguém, estou aqui.

— Valeu, irmão! — digo e me afasto sentindo uma onda de sentimentalismo me atingir e odiando tudo isso.

Sete dias, será que vou suportar?

Acendo o último cigarro do maço pouco antes de chegar a rua arborizada de casas grandes e reconheço o portão de madeira que esconde atrás de si o lugar onde cresci. Pego o controle no porta-luvas e me surpreendo quando percebo que ele ainda funciona.

Um cachorro late quando meu carro entra na garagem, eu não o conheço, mas tenho certeza de que minha mãe já o colocou para cheirar todas as minhas coisas como se esperasse que eu voltasse a qualquer momento. Estendo minha mão para ele e logo o *weimaraner* está abanando o rabo para mim.

— E aí, amigão. — Faço um afago em sua cabeça e desço levando comigo uma pequena mochila, tudo o que trouxe comigo para passar o mínimo de tempo possível por aqui. Entro na casa que deveria ser minha, mas que para mim é totalmente estranha, tudo está em silêncio e sou obrigado a conferir as horas para ver se não é tarde demais.

Nove e meia da noite, e se levar em consideração que avisei que estava chegando, o mínimo que eu deveria esperar, é que algum deles estivesse à minha espera. Mas não há ninguém.

Vou até a cozinha e abro a geladeira, pego uma garrafa de água e quando me viro para pegar um copo a encontro, parada à porta, com seu olhar caloroso e sorriso doce.

— Meu filho, você chegou. — Minha mãe abre os braços e vou até ela permitindo que me abrace e me beije como se eu fosse um garotinho e percebo mais uma coisa da qual senti falta: do seu cheiro.

— Como a senhora está? — pergunto quando ela me solta, observo seu longo vestido colorido, as tranças em seus cabelos e as unhas pintadas de cores fortes. A mesma mulher que me ensinou a tocar violão, que me apresentou a música, desde a clássica ao rock, apaixonada por Janis Joplin e Raul Seixas, amante da poesia e da natureza.

— Eu estou ótima, agora você. — Ela faz uma avaliação da minha aparência e tento conter um sorriso. — Fumando, Tomaz?

— Você sabe que eu precisei.

— Não há justificativas, não depois de tudo.

Quero dizer a ela que é exatamente depois de tudo que sinto a necessidade de aplacar minha ira em algo, que por sua culpa estou há mais de seis horas entre um cigarro e outro e que não queria estar aqui, mas não digo, ela não merece que eu desconte toda a minha raiva nela, mesmo que ela esteja apoiando tudo isso, ela não tem culpa.

— Eu sei, mas não posso agir como você — tento conter a mágoa na minha voz. — Eu não sou como você, mãe.

— Ninguém é como ninguém, filho, mas eu gostaria que você compreendesse que não temos o controle de tudo.

— Não quero falar sobre isso agora, mãe — corto-a antes que ela comece com seu discurso de a vida segue seu curso e essas coisas todas que não concordo.

— Tudo bem. — Ela respira fundo como se já soubesse o que eu diria. — Eu gostaria que você ao menos cuidasse melhor do seu corpo, está se alimentando direito? Ou só tá comendo bobagem?

Às vezes, eu tenho a sensação de que Rio é seu filho perdido, que fomos trocados em algum momento e nossas mães não notaram a diferença, mesmo que eu seja uns quinze centímetros menor que Rio hoje, acredito que quando bebê não fôssemos tão diferentes assim, justificaria a semelhança entre minha mãe e meu amigo.

— Eu tô me alimentando, mãe — minto e ela olha para mim como quem sabe que essa não é a resposta correta.

— Está dormindo, filho?

— Mãe? — tento pará-la, mas é mais fácil parar um trem desgovernado.

— Está ao menos feliz?

— Nesse momento estou cansado. Bastante cansado.

— Entendi. — Ela faz uma careta e vai até a geladeira retirando uma tigela de dentro. — Eu já sabia a resposta de tudo isso e preparei uma sopinha para você.

Ela abre a tigela e recordo de algo que eu não gostava, as comidas milagrosas da minha mãe, ela

sempre tem algo no seu quintal que é bom para alguma coisa, e com isso cresci sendo alimentado com ingredientes que ninguém mais conhecia. Talvez esse seja o motivo para que eu troque qualquer refeição por uma porção de fritas e sanduíche e meu armário seja abastecido basicamente de macarrão instantâneo, meu principal alimento nos dias em que estou em casa.

— Não, mãe, obrigado. Eu não tô com fome — digo, mas ela ignora minha resposta e coloca a sopa para esquentar.

— Você está muito magro, Tomaz.

Penso em responder a ela que sempre fui magro, mas desisto, aos trinta e dois anos não tenho mais esperanças de me tornar um cara alto ou forte, se tem algo que eu aprendi a lidar é com meu corpo. E eu estou bem com ele.

— Mãe, sério, eu não estou com fome — digo no momento em que uma tigela indiana com um líquido azulado aterrissa na minha frente.

— Me conte sobre você. — Ela senta na minha frente enquanto me observa remexer a sopa de um lado para o outro e me sinto como o garoto que cresceu aqui, nessa casa, com o cheiro constante da maresia, o barulho tranquilizador do mar e as receitas malucas da minha mãe.

— Eu estou bem, mãe, estou realmente bem. — Coloco uma colherada na boca e engulo tentando não descobrir o que tem dentro dela e minha mãe sorri. Velhos hábitos não mudam nunca.

Coloco mais três colheradas na boca seguidas para evitar falar, mas ela continua me olhando e sei que não tenho muito tempo para evitar o verdadeiro motivo que me trouxe até aqui.

— Como ele está? — pergunto e tenho que colocar outra colher da sopa na boca porque, de repente, sinto como se as palavras de alguma forma arranharam minha garganta. Engulo com dificuldade, só não sei ao certo o quê.

Minha mãe baixa a cabeça e ajeita a barra da toalha de crochê colorida que está nessa mesa desde que eu me lembro.

— Ele está como tem que estar.

Ótimo! Era a resposta que eu dirigi quatro horas para ouvir.

Tomo o resto da sopa em silêncio, mas sinto que a mistura secreta de ingredientes da minha mãe não é capaz de desfazer o nó em minha garganta, na verdade eu sei que a única forma de desfazer esse nó seria se eu pudesse falar tudo o que está entalado na minha garganta, mas, infelizmente, não posso. Nem hoje e nem nunca.

— Vou tomar um banho e deitar, estou cansado da viagem. — Levanto-me, coloco a tigela na pia e vou até minha mãe beijando seus cabelos grisalhos.

— Você veio de moto? — ela pergunta mesmo sabendo que meu carro está estacionado na sua garagem servindo de banheiro para seu cachorro.

— Não.

— Deveria, é bom para liberar energia.

— Não estou com cabeça para motos, vou dormir.

Começo a caminhar em direção ao meu antigo quarto, já estou quase saindo da sua cozinha quando ela fala:

— Não adianta se revoltar contra a natureza, Tomaz, as coisas são como devem ser. Estou feliz que você veio.

Fecho os olhos e respiro fundo para não dizer o que eu realmente penso, e mais um caroço se forma em minha garganta. Ela sabe que eu viria, meu celular está sempre pronto para receber a sua ligação, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, eu aguardo o momento em que ela me peça para vir, mesmo que eu odeie estar aqui, mesmo que minha vontade é de quebrar tudo a minha volta, eu vim, e virei quantas vezes ela chamar. Mas, no fundo, eu sinto que essa talvez seja a última vez.

— Boa noite, mãe — digo sem olhar para trás e sinto que será um grande desafio chegar até o fim dessa semana.

Biografia



Cinthia Freire

Paulista, apaixonada por romances, pipoca, chocolate e sorvete. Adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Vive em São Paulo com o marido, duas filhas e Jack, seu cachorro.

Autora de Antes dos Vinte e Um Novo Amanhecer. Meu Erro é o primeiro livro da Série Segredos.

Redes Sociais

Facebook:

www.facebook.com/cinthiafreireautora

Fanpage da Série Segredos:

www.facebook.com/seriesegredos

Instagram:

[@cinthia_freire_escritora](https://www.instagram.com/cinthia_freire_escritora)

Table of Contents

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Créditos](#)
[Sumário](#)
[Nota da autora](#)
[Ordem cronológica](#)
[Minha Salvação](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Meu Recomeço](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Minha Melodia](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Meu Mundo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Meu Coração](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Minha Cura](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Biografia](#)